

**Ir. Basilio Rueda Guzmán  
HOMEM DE DEUS**

**Caderno 3**

# **O UNIVERSO DA ORAÇÃO**

***IR. GIOVANNI BIGOTTO***



1

## **BASÍLIO: HOMEM DA ORAÇÃO**

Basílio é um homem de Deus, sobretudo porque a oração ocupa na sua vida e no seu apostolado um espaço privilegiado, numa riqueza que lhe dá a dimensão de homem espiritual.

Iniciemos com o que poderíamos chamar de manifestações exteriores, para nos interrogar sobre as fontes e as origens de sua oração, as condições, os frutos, os esforços empreendidos para que nosso Instituto se colocasse a caminho de uma oração mais profunda, mais sincera, mais criativa, em comunhão com a Igreja e o mundo, uma oração em Espírito e Verdade. Teremos a oportunidade de nos encontrar com um homem de oração e, quem sabe, de seguir seus passos.

### **1.1. As manifestações**

Com toda a certeza, nada há de rebuscado, de previsto, de programado nessas manifestações. Foram descobertas fortuitamente por aqueles que viveram com ele, seus confidentes, colaboradores ou simplesmente seus Irmãos e amigos; são descobertas igualmente nos seus escritos: conferências, correspondências, circulares, e em sua tarefa de animação do Instituto. Ficaremos sempre com as testemunhas diretas.

Na série de testemunhos lembramos como o vê o Padre Francisco Migoya. Este sacerdote jesuíta mexicano fora seu diretor espiritual durante os trinta dias inicianos de retiro espiritual feitos no México em 1986, aproveitando do ano sabático. É um depoimento de alguém que, durante um mês, diariamente recebia confidências espirituais de Basílio. Revelou que nunca encontrara um homem que rezasse tão intensamente e espontaneamente, como se a oração fosse seu meio de vida.<sup>1</sup> Este Basílio é um homem maduro: exerceu o cargo de Superior-Geral durante 18 anos num período extremamente difícil. A Igreja, conforme o Vaticano II, é como nas dores do parto, um mundo morre nela, e a aurora do novo é lenta para chegar. Depois aparece também, desde

---

<sup>1</sup> Cf. Basílio, outro Champagnat, pp. 86 e 88.

1968, a grande contestação dos jovens: as Universidades são tomadas de assalto, e os valores sociais são abalados; a isso se juntam os progressos da ciência e da tecnologia que imprimem uma evolução acelerada em todos os domínios e, portanto, uma necessidade de se refazer e de ter um espírito de constante assimilação de novos dados.

Período difícil, no fim do qual Basílio pôde usufruir de um ano sabático, em 1986. Durante o correr desse ano consagrou um tempo importante à sua própria saúde espiritual: um mês para a espiritualidade carmelitana, um mês para o retiro de Santo Inácio, um mês para a “Lectio Divina” e, como coroamento de tudo, uma peregrinação à Terra Santa. Desse modo entramos no mistério deste homem de Deus.

O Irmão Gabriel Michel, Secretário-Geral, que trabalhou durante nove anos com Basílio, diz-nos que foi o Padre Barboux quem lhe possibilitou conhecer a intensa vida mística em Basílio. Ora, esse sacerdote jesuíta colaborou com o Irmão Basílio na condução de retiros no mundo francofone, como no Canadá, em 1970. É ainda uma testemunha de fonte.<sup>2</sup> A mesma testemunha acrescenta que, durante os retiros, deixava grandes espaços para a oração pessoal, e era o primeiro a dar o exemplo disso. Um dos conselhos que dava aos Irmãos Capitulares do Capítulo Geral de 1985, por ocasião do retiro preparatório, era de não temer consagrar diariamente longas horas de oração (cerca de 7 a 8 horas, precisa ele na Conferência aos Superiores Maiores: *A contemplação a partir da ação*).<sup>3</sup>

O Irmão Louis Fulgence (Louis Comte), da Suíça, recorda-se que, numa conferência, o Ir. Basílio propusera a seguinte idéia: “Os Irmãos que desejam dedicar mais tempo à oração, animo-os a fazê-lo. Por exemplo, quem o deseje e tiver coragem de consagrar duas horas à meditação, levante antes dos outros para isso”.<sup>4</sup> Era seu companheiro de peregrinação à Terra Santa, em 1986, o Padre Amador Menudo. Diz ele que “todos os dias, dirigiam-se ao Monte Calvário, pelas cinco horas da manhã ou durante a noite. Aí chegando, tirava os sapatos, punha-os cuidadosamente de lado e, genuflexo, passava longas horas, absorto em profunda contemplação”.<sup>5</sup> O mesmo sacerdote foi-lhe colaborador em muitos retiros nos países de língua espanhola. Entre as lembranças que conserva, escreve: “Seu mandato como Superior-Geral, ao menos na última parte, quando eu estava com ele, dedicava-o a animar a vida

---

<sup>2</sup> Quero despertar a aurora, pp. 41-42.

<sup>3</sup> Cf. Actes du XVIII, p. 67.

<sup>4</sup> El Estilo de una Vida, p. 44

<sup>5</sup> El Estilo de una Vida, pp. 44-45.

espiritual dos Irmãos, de todos os Continentes. Em cada retiro garantia quatro ou cinco palestras que visavam a animar a vida de oração. A nós que o acompanhávamos e com ele colaborávamos, solicitava-nos longos dias quase sem noite. Começávamos as entrevistas dos Irmãos a partir das cinco da manhã até às duas da madrugada até às duas da madrugada. O resto da noite o Santíssimo Sacramento ficava exposto. E nós permanecíamos lá em adoração com nossa adoração. Era seu ritmo”.<sup>6</sup> Certa vez ambos foram ao Russicum, para uma liturgia bizantina. O padre notou como Basílio permaneceu profundamente recolhido durante hora e meia, enquanto perdurava a liturgia de adoração e de louvor, e conclui: “Verdadeiramente era alma contemplativa”.<sup>7</sup>

O Irmão Cláudio Girardi<sup>8</sup> escreve: “O Irmão Basílio não podia estar sempre presente nas preces comunitárias. Contudo dizia, e ninguém punha em dúvida, que diariamente dedicava longas horas à oração. E quando fazia oração, via-se que realmente ele rezava. Os retiros que ele dava sobre a oração eram impressionantes, profundamente recolhido. Ajudei-o muitas vezes na pregação de seus retiros na Argentina e no Brasil. Muito aprendi com ele. Sua oração não era complicada: sempre muito bíblica e calcada na realidade”.<sup>9</sup> No parecer do Padre Manuel Portillo, seu colaborador especial na maioria dos retiros que pregava no mundo de cultura espanhola, Basílio era o homem da oração, que preparava metodicamente na véspera a meditação que devia fazer.<sup>10</sup> O mesmo sacerdote atesta a grande liberdade de sua oração, notadamente quando rezava o terço: as *ave-marias* se enchiam da vida, das alegrias, dos problemas dos coirmãos que havia visitado, ou acolhendo as esperanças, as expectativas, as situações das comunidades que iria visitar. Eram *ave-marias* com fórmulas flexíveis, amplas, personalizadas, sempre transbordantes de vida, de confiança, de amor, de louvor e de súplica. E o Padre Portillo acha que tal modo de rezar o terço poderia ter a duração de uma boa hora. Também nos informa que Basílio terminava suas Circulares por um tempo de oração nos arredores de Roma. Isso foi confirmado através do conselho que o Irmão Basílio dá aos Provinciais que vão receber a Circular sobre a Oração: “Permito-me recomendar-lhes que leiam essa

<sup>6</sup> Testemunho de 15 de janeiro de 2003, p. 2 (Escrito em Roma quando de sua estada de 10 a 16 de janeiro.)

<sup>7</sup> Testemunho de 15 de janeiro de 2003, p. 2.

<sup>8</sup> O Irmão Cláudio Girardi, brasileiro, foi Provincial, depois Diretor do Colégio Internacional, em Roma, no tempo de Basílio, e enfim Conselheiro-Geral.

<sup>9</sup> Ir. Cláudio Girardi, testemunho de 18-12-2002.

<sup>10</sup> Cf. Basílio, outro Champagnat, p. 54.

Circular em espírito de oração diante do Santíssimo Sacramento ou em local que possa facilitar ao máximo a união com Deus”.<sup>11</sup>

Essa Circular coroa um extenso período de esforços da parte do Conselho Geral, de 1976 a 1982, para proporcionar aos Irmãos o gosto da oração e da meditação.

O Irmão Héctor Julián, da Província de Córdoba, nos contou que, numa manhã, muito cedo, dirigindo-se à capela, encontrou o Irmão Basílio diante do Santíssimo com os braços ao alto, e sentiu tanta alegria e admiração que se retirou na ponta dos pés, pensando na qualidade do Superior-Geral que tínhamos. A certo Irmão que se espanta pelo volume de seu trabalho e lhe pergunta: “Afinal, quando vai repousar?”, Basílio responde simples e espontaneamente: “Sendo quatro horas da manhã, não vale a pena deitar-se por uma hora. Vou à capela para fazer adoração, esperando que a comunidade chegue para a oração da manhã”. Um de seus noviços, Arturo Franco, relata algo semelhante: “Dei-me conta que o Irmão Basílio é um enamorado de Cristo. Insistia muito na procura de uma intimidade muito grande com o Senhor, de tal modo que em todo o nosso agir estivéssemos na presença do Pai. Seus ensinamentos eram verdadeiros tratados de Teologia, e o tempo de aula era uma explicação pormenorizada das atitudes do modelo de religioso, ou melhor, do Cristo”.<sup>12</sup> Muito significativo é o caso relatado em *Basílio, outro Champagnat*,<sup>13</sup> com o título *O museu de ouro ou a missa*. Relata que Basílio, tendo chegado a Bogotá, por atraso do avião, determinou-se ir à casa dos Irmãos. Estes vão buscá-lo no hotel onde está hospedado e passando perto do museu de ouro, o mais famoso de Bogotá, propõem-lhe visitá-lo. Como o Superior ainda não tinha ido à missa, pede-lhes que de preferência o conduzam a uma igreja. Encontram uma, onde as missas já haviam terminado; depois a uma outra, mais afastada, num quarteirão. Basílio participa da Eucaristia e lhes demonstra sua alegria por ter podido rezar com pessoas simples. Tudo fazia para assistir à missa diária. A eucaristia, para ele, era o momento central do dia e da vida. Escreveu a esse propósito: “O Cristo, que é o interlocutor em nossa oração, dirige-se ao Pai especialmente no seio da comunidade dos crentes: a Igreja nasce, cresce e age nesse ato pelo qual o Cristo vive como Filho diante do Pai, entrega-se a Ele e nesse ato de doação arrasta a totalidade de seus irmãos em oração, em glorificação de seu Pai. Nesse ato, com os crentes, deixamo-nos assimilar ao Filho, tornamo-nos

---

<sup>11</sup> Circ. L’Oraison, p. 326.

<sup>12</sup> El Estilo de una Vida, p. 44

<sup>13</sup> À página 108.

uma oferenda e tornamo-nos presentes diante do Pai; é o ato em que nos apresentamos como Igreja, como irmãos; esse ato o denominamos: a grande oração da Igreja, a Eucaristia”.<sup>14</sup>

Em outras passagens torna-se ele mais explícito: “A eucaristia, como sacrifício e sacramento, é o ato culminante de nossa comunhão. Todas as outras comunhões intercomunitárias, desde a simples recreação até a ação apostólica, que nos torna uma comunidade de testemunhas, de serviço e de missão, nascem ou se orientam, conforme o caso, a partir de nossa reunião comunitária, em torno do banquete eucarístico”. O Irmão Alfonso Wimer, mexicano, amigo pessoal de Basílio e seu Conselheiro-Geral, de 1867 a 1976, dá-nos esta informação: “Bem poucos conhecem sua grande devoção à Santíssima Eucaristia. O Irmão Basílio dedicava todos os dias uma hora de adoração, apesar de suas numerosas ocupações, viagens, correspondência e circulares. Jamais deixou ‘sua hora com o Senhor’”.<sup>15</sup> O Irmão Sebastião Ferrarini, colaborador próximo, deu este testemunho: “Tinha ele uma espiritualidade profunda e grande sensibilidade para a oração e a meditação. Vivenciava essas realidades com tal intensidade que lhe acontecia esquecer o que lhe estava em roda”.<sup>16</sup> Em setembro de 1985, Basílio terminava o segundo mandato como Superior-Geral. Por essa ocasião a Província de Madri publica um número especial de sua revista *Madrid Marista*. É retrato da alma de Basílio. Da página sobre a oração copio: “A vida do Irmão Basílio era um contínuo louvor ao Senhor; um hino às obras de suas mãos. Não procurem uma forma estruturada, uma oração esquematizada; o espírito de oração do Irmão Basílio quebra os moldes e se torna universal no serviço dos filhos de Deus. Quando uma pessoa consagra a vida, queima sua existência em favor dos coirmãos e lhes oferece todo o seu tempo, está em contínuo louvor ao Senhor. Isso não quer dizer que não tenha tempos de presença direta diante do Senhor, seus momentos de oração comunitária, mas estará sempre com os que Deus põe em seu caminho. Eis como vejo a oração de Basílio”.<sup>17</sup>

Visto que estamos lembrando as pessoas que testemunham a respeito da alma orante de Basílio, acrescentemos o grande número de Irmãos que, por causa dele, de seu exemplo, de seus escritos, se decidem a levar uma vida espiritual mais intensa, mais coerente. Eles o reconhecem, seja nas cartas que lhe

---

<sup>14</sup> Circ. 2 janvier 1968: Les appels de l'Église... p. 615.

<sup>15</sup> El Estilo de una Vida, p. 45.

<sup>16</sup> El Estilo de una Vida, p. 41

<sup>17</sup> *Madrid Marista*, número especial, dezembro de 1985, p. 3.



escrevem, seja nos testemunhos que dão em seu favor. Encontramos muitos ecos disso na Circular sobre a Fidelidade. Mas o próprio Irmão Basílio fala disso expressamente: “Muitos Irmãos que haviam passado longos anos entregues ao ativismo com uma vida de oração pobre e tibia entram, de repente, na intimidade com o Senhor...”.<sup>18</sup>

Confia-nos também um dos motivos pelos quais admirava seu Professor de Universidade, Oswaldo Robles: este sábio era um homem de oração, de missa diária e que começava todos os seus dias com uma hora de meditação. Basílio considera-se filho espiritual dele.<sup>19</sup>

Deixemos o Irmão Charles Howard, seu sucessor como Superior-Geral, concluir esta série de testemunhos. Expressa-se assim: “Basílio estimulou uma profunda renovação de nossa vida espiritual. Sua competência nesse campo está baseada sobre sua união pessoal com Deus através da oração”.<sup>20</sup>

*Numerosos escritos:* circulares, conferências, artigos e inúmeros retiros testemunham igualmente a importância que Basílio dava à oração, sobretudo à oração pessoal e à Eucaristia. Nos primeiros anos de seu generalato, os retiros que pregava nas Províncias centravam-se no tema da Renovação, de acordo com o Concílio – era sua preocupação de obediência à Igreja. Depois o centro se deslocou para a oração como um dos grandes meios para dar mais valor, perseverança e ardor apostólico aos Irmãos. As revistas do Canadá, de Norte, de Castilha, de Bética, atestam que a oração esteve bem presente no seu primeiro mandato. Tornando-se tema central, abrangia todo o tempo do retiro. Entre seus escritos temos *A Meditação em voz alta* (de 1971), *Prática sobre a Oração e a Criatividade da Oração Comunitária* (de 1975), e *a Circular sobre a Oração* (de 1982), mas praticamente todas as outras Circulares têm um capítulo ou numerosas páginas sobre a oração ou reflexões disseminadas no decurso das páginas. Na Circular de 2 de janeiro de 1968, *Os Apelos da Igreja e do Fundador*, uma reflexão sobre a oração está nas páginas 591 a 618. O conteúdo delas é muito explorado nestas linhas e fornecerá certos textos citados mais abaixo, A Circular sobre a *Obediência*, obra-prima de Basílio, introduz-nos em seu mundo espiritual e sublinha o que é o cerne da santidade: o amor e a sede da vontade do Pai. É nessa circular que encontramos a santidade de Basílio em sua profundidade e limpidez, como abertura total à vontade de Deus e educação de seus Irmãos a essa vontade.

---

<sup>18</sup> Circ. L’Oraison, p. 360.

<sup>19</sup> Circ. L’Obéissance, pp. 41-42.

<sup>20</sup> Je veux éveiller l’aurore, p. 86.



Como escrever duas Circulares sobre o *Projeto de Vida Comunitária*<sup>21</sup> e uma sobre *A Vida Comunitária* sem abordar o tema da oração? Da mesma forma, por acaso é possível escrever uma Circular sobre a Virgem Maria, *Um Novo Espaço para Maria*, sem que o mundo espiritual esteja presente? Quanto à Circular sobre *A Fidelidade*, é como que o santuário da oração marista, não mais somente de Basílio, mas de todos os seus Irmãos. Na Conferência Geral de Provinciais realizada em Roma, de 6 a 21 de maio de 1974, e que visava ao próximo Capítulo Geral de 1976, Basílio lhes diz: “O próximo Capítulo Geral dedicará a maior parte de seu tempo, centrado na oração e nas atividades espirituais. Todos os seus trabalhos deverão estar saturados de profunda espiritualidade”.<sup>22</sup> As duas últimas conferências proferidas como Superior-Geral, no Capítulo de 1985, tratam da *Espiritualidade Cristã* e da *Espiritualidade Apostólica e Marista*.

Muitos Irmãos recordam a alta qualidade dos retiros sobre a Oração: verdadeiras escolas de oração; tempos de graça em que aprenderam a rezar melhor, a rezar mais, a ter o gosto de estar com o Pai, no Filho, animados do mesmo Espírito que o Filho, que neles diz com alegria inefável: “Abba, Pai!”. Os Irmãos eram atraídos porque tinham diante de si um homem convicto, um homem com experiência de Deus, um místico mas que era seu Irmão, muito achegado a eles, extremamente humano e simples nas relações da vida. Um de seus companheiros de trabalho, o Irmão Henrique Hurtado, nos diz: “Seu incansável devotamento ao trabalho causava-nos admiração; multiplicava as horas em favor dos Irmãos e na preparação minuciosa de Circulares, retiros, assembléias; sempre permanecendo totalmente dedicado às entrevistas com os Irmãos ou à correspondência. Sabíamos o pouco tempo que reservava ao sono. Era uma dedicação fora do comum. Durante os retiros introduziu a vigília da oração. Encontrei-me com ele em várias ocasiões. Junto dele descobri um homem de oração: ficava imóvel, prostrado ou com o olhar fixo no sacrário. Sua postura dizia tudo. Sua palavra motivava e convencia”.<sup>23</sup>

A partir de sua experiência e convicção da oração: tempo de diálogo e amizade com Deus, oferece aos Irmãos e aos amigos, que pedem sua opinião, algumas frases-chave:

---

<sup>21</sup> Circ. Projet Communautaire, 1976, et Circ. Projet de Vie Communautaire, 1980.

<sup>22</sup> Madrid Marista, n. 12, agosto de 1974, p. 9.

<sup>23</sup> El Estilo de una Vida, p. 45.

– *A atenção ao próximo não pode justificar o abandono da oração com o desejo de um serviço maior, porque a oração não é um tempo perdido para nossos irmãos, mas um tempo mais bem empregado, dado que torna nossa ação mais fecunda e coloca o próximo na própria ação de Deus.*<sup>24</sup>

– *Toda a comunidade se desagrega sem uma certa dose de oração.*<sup>25</sup>

*A oração é ajuda vigorosa para a manutenção da caridade e da unidade, quando o próximo nos aborrece.*<sup>26</sup>

– *Sem a oração que nos realimenta, tudo se desgasta e degenera em nós...*<sup>27</sup>

– *Todo homem, pelo fato de ser homem, é chamado à dimensão de diálogo e de oração...*<sup>28</sup>

Nessa convicção da importância da oração para sanar a vida espiritual, conhecemos a preocupação de Basílio de enviar Irmãos a fazer experiências de verdadeira oração em Troussures, sob a direção do Padre Caffarel, a Spello, na direta companhia de Carlo Caretto, homem de Deus, que consagrava seis horas de adoração cotidiana, e a Loppiano, junto aos Focolares, onde se respirava maior densidade de oxigênio espiritual.

E ele que, na função de Superior-Geral, tanto insistiu para que os formadores ofereçam aos jovens verdadeiras experiências de oração, quando, por sua vez, seria mestre de noviços no México, o setor da casa de que cuidará com desvelo será a capela, a fim de fazer dela um verdadeiro espaço de recolhimento.<sup>29</sup> Passemos a palavra a um de seus noviços: “O que admirei muito no Irmão Basílio foi seu grande amor a Jesus e Maria. O respeito que tinha por tudo quanto era sagrado. O fato de poder observá-lo todos os dias em oração era um grande exemplo. Em seu rosto percebia-se o grande amor ao Santíssimo Sacramento. Acredito que me dizia muitas coisas sobre a meditação, emprestando-me livros, ajudando-me a crescer. Mas é sobretudo seu exemplo que me motiva agora no crescimento; quero dizer que vejo como gravado nele tudo o que dizia e muito do que eu lia. Falava a Jesus com grande amor, quando partilhava a oração conosco”.<sup>30</sup>

---

<sup>24</sup> Circ. 2 janvier 1968: Les appels de l'Église... p. 600.

<sup>25</sup> Ibid., p. 601.

<sup>26</sup> Ibid., p. 601.

<sup>27</sup> Ibid., p. 601.

<sup>28</sup> Ibid., p. 607.

<sup>29</sup> Cf. Basílio, outro Champagnat, p.

<sup>30</sup> El Estilo de una Vida, p. 44

Basílio é um homem de oração, convencido da oração, e esta transparece e irradia em sua atividade, em seus escritos e nos conselhos aos Irmãos, nas opções que toma. Então a questão surge: quais são as fontes de sua oração?

2

## ÀS FONTES DA ORAÇÃO

É muitas vezes na reflexão de seus escritos, de suas cartas e conferências, que Basílio deixa transparecer o homem de oração que é. Não um narrador de fórmulas, mas um homem de relação profunda, amiga, humilde com Deus; pessoa que sabe escutar a Palavra, que deixa a Deus silêncios para que Ele tenha a chance de se dizer; mas que lhe fala também a partir do que é, do que vive, como um filho fala ao pai, como um discípulo apaixonado dirige-se ao seu Senhor, como um filho fala à sua mãe. Entremos com respeito na intimidade desse homem.

### 2.1. Uma graça

Antes de tudo, há *uma graça*, uma escolha, um apossar-se de Deus sobre Basílio. Gratuitamente é escolhido e posto à parte como sempre procede Deus, quando vê que seu povo necessita de um homens-luz para aclarar o caminho que se torna difícil. É escolha que se conjuga sempre com a liberdade do indivíduo e a suscita. Basílio possui textos de beleza mística pura para dizer o que a graça faz no coração, quando se apodera de um homem, e ele o diz a propósito de seu próprio percurso vocacional:<sup>31</sup>

“Sem dúvida, que o papel principal cabe a Deus... Produziu-se uma mudança completa em minha vida... Meu centro de interesse se deslocou para a vida de oração; não me era difícil consagrar horas inteiras à oração pessoal. A Eucaristia diária tornou-se necessidade”.<sup>32</sup> Sabemos que Basílio foi um dos grandes artífices das novas Constituições. Encontramos, como o eco de sua experiência, no artigo 11: “Deus escolhe homens e os chama, cada qual pessoalmente, para conduzi-los ao deserto e falar-lhes ao coração. Reserva para si aqueles que o escutam. Converte-os sem cessar por seu Espírito e os faz crescer em seu amor para enviá-los em missão. Nasce assim uma aliança de amor em que Deus se dá ao homem e o homem a Deus, aliança que a Escritura compara a sponsais. É no coração dessa aliança que se situa a dinâmica da consagração”.

---

<sup>31</sup> Os textos que falam disso foram citados no Caderno 1, pp. 3-15.

<sup>32</sup> Extratos do livro *Religiosos hoy: experiência e testemunho*, Madri, 1980, Testemunho do ir. Basílio.

Aquilo que Basílio diz do profeta haure-o não dos livros, mas de sua vivência: “A profecia origina-se de Deus como fonte e se transmite ao homem, quando este vive na sua intimidade. Essa relação se desenvolve sobretudo na oração; desperta no homem a paixão pelo Reino...”

O profeta sente arder em seu coração a paixão pela glória de Deus e quando acolheu sua palavra, proclama-a pela boca, pelas ações e pensamentos, por suas palavras e contatos com outrem...

*Quando a gente empenhou a existência no terreno do amor, não há mais marcha a ré. A vela é acesa nas duas pontas...*

Quem conheceu a fascinação do amor de Deus, sabe que não mais se pertence. A alma, com efeito, não pede, dá-se. Coloca-se, pois, a vontade do Senhor bem acima do amor de si, e o desejo se limita à disponibilidade absoluta... Quando o amor de Deus se derrama numa vida, desencadeia um tipo de amor que faz perder a medida racional...”.<sup>33</sup>

É nesse clima que Basílio escolhe como divisa e como estilo de vida: **Queimar minha vida por Cristo**. É o melhor fruto da oração: “Compreendo que a fidelidade consiste essencialmente em permanecer na casa do Pai e no lugar onde a Igreja me colocou, apesar de tudo e apesar de meu pecado. A fidelidade é também procurar responder com todo o amor possível e a veemência mais autêntica à solidariedade fraternal e à herança que o passado me legou.

Sinto em mim essa fidelidade como dever do coração que me proporciona grande alegria e felicidade interior. É por esse motivo que considero tão belo e magnífico conservar essa fidelidade apesar das cruzes, sofrimentos e falhas. A fidelidade não é uma coisa, mas uma vida, um caminho que se prolonga do nascimento à morte...”.<sup>34</sup> Essas linhas fazem parte de seu último testemunho; a oração, intimidade de amizade com Deus, cobriu toda a amplitude de sua vida.

Na oração, Basílio inicialmente é aquele que escuta e é atento. Muitas vezes ele diz aos Irmãos: “Fala-se demais a Deus, não o escutam bastante”. Basílio escreve a seus Irmãos sempre com o ouvido atento a Deus e o olhar fixo no mundo. Eis a confidência que deparamos na primeira *Circular de 2 de janeiro de 1968*: Pergunta a si mesmo como apresentará os documentos do Concílio aos Irmãos, seguindo que lógica, e depois de fazer a sua escolha, ele reconhece: “Não pretendo ter razão. Deixei simplesmente o Senhor agir na

<sup>33</sup> Quemar la Vida, p. 305.

<sup>34</sup> Mensagem gravada por Basílio um mês antes de morrer; cf. *Quemar la Vida*, pp. 306-307.

minha alma; calmamente esperei que todas as verdades que me fez ver tomassem as verdadeiras dimensões... Simplesmente esforcei-me de ouvir o Senhor”.<sup>35</sup>

Sempre nesse contexto da oração, Basílio escrevia aos Irmãos: “O amor é algo mais que uma vida devotada e silenciosa; ele procura o diálogo, precisa de ligação, de comunicação; é para ele uma exigência vital. Esse diálogo tem graus. É inicialmente um meio indispensável de tornar possível a vida moral; mas acaba por sobretudo ser uma necessidade de exprimir e de comunicar uma realidade que o coração não pode mais conter”.<sup>36</sup>

Com Jeremias, Basílio pode tranqüilamente dizer: “*Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir*”.<sup>37</sup> Mas nessa sedução-oração produz-se constante revelação de Deus, do Pai, do Filho e do Espírito; o coração é evangelizado. Deus é Pai cuja bondade e fidelidade são absolutas. A Circular de Basílio sobre a Obediência, obra-prima das jóias de Basílio, é uma extensa reflexão sobre a vontade de Deus, vista como a maior e mais segura chance de sucesso espiritual para o homem: o caminho real do amor de Deus e do amor do homem. É nessa Circular que Basílio fala do mistério que habita em nós, a saber, que “o Cristo é eu e eu sou o Cristo”. Afirmção já contida na *Circular de 2 de janeiro de 1968*: “Jesus de Nazaré é o resultado daquilo que nós, homens, podemos chegar a ser para Deus e do que Deus pode chegar a ser para os homens”.<sup>38</sup> São afirmações ousadas, comoventes, contudo verdadeiras, seja porque pela Encarnação “Jesus é finalmente cada um de nós”, seja também porque é o Espírito do Filho que passa em nós e que reza em nós.<sup>39</sup>

Pode-se afirmar que a fonte da oração de Basílio é a experiência de Deus: um Deus que se dá e a quem a gente se dá apaixonadamente com este eco do clamor de Paulo: “Quem nos separará do amor de Cristo?”.<sup>40</sup> Os mananciais da oração de Basílio não são outros senão seu mundo interior, onde Deus encontra grande disponibilidade, grande espaço de liberdade de ação, amizade à sua total disposição. Isso é fruto da graça, mas que encontra condições humanas favoráveis.

<sup>35</sup> Circ. 2 janvier 1968: Les appels de l'Église et de notre Fondateur... pp. 364-367.

<sup>36</sup> Ibid., p. 594.

<sup>37</sup> Jr 20, 7

<sup>38</sup> Circ. 2 janvier 1968: Les appels de l'Église... p. 611.

<sup>39</sup> Ele o diz nas páginas 613 a 615 dessa mesma Circular.

<sup>40</sup> Rm 8, 35

## 2.2. Outra série de mananciais

Há *outra série de mananciais* na oração de Basílio, aqueles que, do exterior, entram para o interior, se assim podemos dizer. São eles as Sagradas Escrituras, a Eucaristia, a Liturgia, a Igreja, o mundo, toda a riqueza espiritual marista. Fornecem palavras, sentimentos, gestos, luz e conteúdo, a comunhão da oração. Descobrimo-los cada vez que Basílio convida os Irmãos a rezar conforme o Espírito e em comunhão com a Igreja e o mundo. Igualmente os descobrimos quando Basílio sublinha a diferença entre a antiga maneira de orar, com exercícios de oração, e a que pede o Vaticano II, em que o formalismo deveria desaparecer para dar lugar à liberdade do Espírito, uma liberdade do mais e de maior duração.

Para tais fontes, como Igreja, o mundo e a riqueza espiritual marista, seria conveniente reler a primeira *Circular de 2 de janeiro de 1968*, na quarta e quinta partes; *os apelos do mundo e os apelos da Igreja e do Fundador*. As 400 páginas revelam a paixão de Basílio pela Igreja, por tudo o que é Marista, com admiração e conhecimento notável de nosso Fundador e paixão de redenção para o mundo que lhe conserva constantemente o coração aberto às alegrias, às realizações e aos dramas de nossa humanidade, e tudo isso encontra em sua oração uma presença constante.

O que Basílio diz de Maria em oração, revela-nos a importância que ele atribui às Escrituras, aos Salmos e à sua assimilação, a ponto de tecerem espontaneamente nossa oração. Eis também como Maria passa a ser a janela pela qual Basílio contempla o modo e o mundo da oração.<sup>41</sup>

*A terceira série de fontes de oração* em Basílio é a que qualifica a oração. Estas fontes são: o amor, a obediência como paixão da vontade de Deus e um imenso respeito pela pessoa humana. A primeira, o amor, enobrece a pessoa que reza ou trabalha ou esteja em relação com Deus ou com os homens. A segunda nobilita a relação com aquele que é suplicado e proclama a grandeza de Deus. A terceira dignifica a relação com a outra semelhante porque ela reconhece-lhe a grandeza. A conjunção do amor e da obediência conduz à prece de adoração. Importa a conjunção do amor e do respeito para que a oração de intercessão tome seu justo valor.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Circ. 2 janvier 1968: Les appels de l'Église... p. 375.

<sup>42</sup> No fim do capítulo são propostos textos.



3

## CONDIÇÕES PARA A ORAÇÃO

Em seus escritos sobre o tema da oração e partindo outrossim do conhecimento que ele possui sobre a oração e das situações concretas em que vivem os Irmãos, Basílio indica freqüentes vezes as condições que favorecem o clima de intimidade com Deus. Indicamos as mais importantes.

**1. Há um ascetismo pessoal** que muito ajuda a oração. Consiste em conseguir hábitos de atenção, recolhimento e silêncio, que valem tanto para o encontro com Deus, quanto para uma verdadeira escuta das pessoas. Basílio escreve: “A incapacidade de muitos homens de nossa geração em permanecer sós, mergulhados numa reflexão profunda para entrar em contato com outros na profundidade humana existencial e o refúgio dum encontro frívolo e banal com coisas e pessoas através de formas superficiais de prazer, diversão e ocupação do tempo (matar o tempo) sufocam a abertura para Deus e tornam mais ou menos difícil ou mesmo impossível a oração”.<sup>43</sup> Dizia a nossos coirmãos do Canadá, no retiro de 1970: “É somente à força de repetir atos contrários aos próprios desejos e à vontade própria que o homem poderá um dia começar a cumprir a vontade de Deus. Inicia então a morrer a seu egoísmo. Porque, para poder aderir à vontade de Deus, cumpre limpar e purificar sua própria vontade”.<sup>44</sup> Desde o começo de sua primeira *Circular de 2 de janeiro de 1968*, escrevia: “É ingenuidade crer que, sem o amor da cruz de Cristo, sem a prática adequada, gradual e séria do ascetismo cristão, se possa obter os milagres morais de testemunhos, de dedicação e de doação inteira, que são os frutos da Igreja e do Cristo”.<sup>45</sup> Provavelmente, o mais belo testemunho de Basílio nesse ponto é o que escreve a respeito do Fundador, e que deveria ser também seu ideal e sua experiência: “Há um livro de Bonhoffer que se intitula: *O preço da graça*. É um livro notável, mostrando bem o quanto custa ser verdadeiramente discípulo do Senhor e engajar-se a seu seguimento por toda a vida, até à morte. Para o Padre Champagnat, assim

---

<sup>43</sup> Circ. 2 janvier 1968: Les appels de l'Église... p. 610.

<sup>44</sup> Revista da Província de Iberville, p. 3, notas coligidas pelo Ir. Arthur Dugay.

<sup>45</sup> Circ, 2 janvier: Les appels de l'Église... pp. 52-53.

como para todos os santos reconhecidos da Igreja, há um longo processo, intrínseco, poderíamos afirmar, com estudo das virtudes, e extrínseco, com a apuração de milagres, permitindo atestar que esses homens foram na verdade discípulos de Cristo, que se sacrificaram para chegar a um estágio indiscutível e heróico. Certamente diante deles quebram-se as standardizações e desaparecem os pequenos cálculos e a partilha entre Deus e o mundo. Sua existência foi absorvida, unificada e transformada em proveito do único Senhor”.<sup>46</sup>

O Padre Migoya reconheceu que Basílio prolongava facilmente seu tempo de meditação além de duas horas. Mas Basílio nos assegura que só se chega a esse ponto por degraus: “Olvida-se que a oração é indispensável ao cristão e ao religioso e que só se aprende a rezar através de um trabalho obstinado e com exercícios freqüentes... A oração parece no começo estranha, torna-se, às vezes, penosa e, alternando entre períodos de facilidade e de secura, sofre uma involução. Enfim, trata-se de um problema inelutável, de um problema que cada um de nós deve resolver por sua conta, sob a ação e a direção do ‘Espírito que habita em nós’ (1Cor 6,9)... ‘Ninguém pode resolvê-lo, nem aprender a rezar, fugindo da oração’ (Voillaume). E nós não poderemos tampouco ajudar nossos Irmãos a resolvê-lo, proporcionando-lhes uma vida religiosa que leva a evitar o esforço solicitado pela oração”.<sup>47</sup>

2. Caminhar no universo da oração requer **uma “iniciação”**. O que Basílio considerava indispensável é que os candidatos à vida religiosa sejam iniciados à oração por homens de oração; que façam uma experiência existencial e profunda do encontro de Deus. Escrevia: “Precisamos de Irmãos repletos do Espírito de Deus, peritos na vida espiritual, capazes de sugerir e fazer sentir a necessidade de Deus, a exigência de procurá-lo no domínio da fé... De fato, temos carência de Irmãos habilitados para iniciar nossos aspirantes, mesmo os mais jovens, na arte de dialogar com Deus, Irmãos que, nas comunidades onde entram os jovens, possam ajudá-los a conservar e a desenvolver a familiaridade com Deus que apenas germinou nas casas de formação”.<sup>48</sup>

3. A iniciação deverá levar à **direção espiritual**. Basílio lembra-nos que é praticamente impossível ter uma vida espiritual séria e coerente sem alguma direção espiritual. Mesmo no meio de suas mais prementes atividades,

<sup>46</sup> Circ. 1980, Année Champagnat, p. 172.

<sup>47</sup> Cic. 2 janvier 1968: Les appels de l’Église... pp. 596-597.

<sup>48</sup> Ibid., pp. 597-598.

manteve-se fiel a esse exercício. Tendo, durante certo período, seu diretor espiritual na região de Paris, ele espreitava as possíveis ocasiões para contatá-lo e avisava-o de antemão; lastimava vivamente quando as circunstâncias não lhe davam a possibilidade do encontro.

4. Basílio também nos lembra da necessidade da **cultura religiosa** para alimentar nossa vida espiritual. Escreveu páginas preciosas sobre o estudo religioso e a leitura espiritual, mesmo estando consciente de que essas duas estruturas estão cada vez mais em decadência no Instituto. O estudo religioso e a leitura espiritual são meios e sinais da saúde espiritual dos Irmãos: “Esse medo do estudo, essa fuga de reciclagens espirituais, essa incapacidade de obrigar-se a um tempo de oração sistemática e prolongada, não são bons sintomas. A partir disso, será que poderia haver profundidade de vida espiritual, eficácia apostólica?”.<sup>49</sup> Solicita aos Irmãos Provinciais que sugiram bons livros aos Irmãos, casas de oração, movimentos que, na Igreja renovam a oração: Focolares, Troussures, Padre Caffarel, Spello (com Carlo Carretto), os carismáticos...

5. Dá também conselhos que fazem parte do bom-senso e da experiência: “Assegurar **um tempo regular e suficiente** para a oração, e obter dos Irmãos uma fidelidade estável e generosa a respeito desse tempo”.<sup>50</sup> Isso lembra o ascetismo de que falamos: na vida espiritual é importante criar hábitos, disciplinar o corpo, a atenção e o coração.

6. Enfim, há todo o aspecto de grupo: o Irmão Marista não é um indivíduo isolado, vive em comunidade, numa Província, na grande família marista. A oração solicita também que a comunidade, a Província e o Instituto criem **as estruturas de sustentação** que favoreçam a eclosão da oração para os indivíduos e para os grupos: “... é preciso também para os outros uma pedagogia que inclua acompanhamento, animação, entreaajuda fraterna”.<sup>51</sup> Basílio lembra aos Irmãos Provinciais: “Um superior deveria ter bastante amizade com seus Irmãos e bastante iniciativa pastoral para saber como está a situação de oração entre eles, ... quanto ao dinamismo dessa oração, sua fidelidade, seu estilo, sua regularidade e mais facilmente ainda seu nível

---

<sup>49</sup> Circ. L’Oraison, p. 344.

<sup>50</sup> Ibid., p. 347.

<sup>51</sup> Ibid., p. 357.

externo, isto é, as estruturas comunitárias e provinciais que a sustentam”.<sup>52</sup> Basílio sacudirá todo o Instituto para que crie estruturas favoráveis que ajudem esse ponto vital da oração comunitária e da meditação: “Aquilo que eu disse a vocês (aos Provinciais) deve auxiliá-los a sensibilizar os membros de seu Conselho, a fim de que esse assunto (da oração) faça seu caminho teórica e praticamente, antes do encontro de vocês com os membros do Conselho Geral e os dos Conselhos Provinciais de outras Províncias, programado para um futuro próximo”.<sup>53</sup>

Até aqui enumeramos fatores exteriores à oração que a ajudam porque criam condições favoráveis. A oração, no entanto, nasce de dentro e é algo de dentro e é de dentro que algo deve sobrevir como motor e fruto da oração: “Há três elementos que devem ser reunidos para firmar uma verdadeira base de partida ao crescimento espiritual:

- 1) Uma autêntica experiência de Deus, do Deus vivo, do Deus Senhor da História da Salvação, que amou os homens até à loucura.
- 2) Uma paixão pelo Reino, que seja capaz de manter, durante longos períodos de esforço, secura, obscuridade, crise de crescimento da fé, quando a gente se encontra em plena intempérie dum mundo secularizado.
- 3) Um nível de fé que passa do conceptual ao vivido e é a rocha sobre a qual pode-se erguer a construção que unifica a contemplação e a vida, pois é a mesma fé que mergulha na contemplação e projeta para a ação”.<sup>54</sup>

Honestamente devemos reconhecer que recebemos de nosso Superior tudo o que era necessário para encontrar desobstruída a via da oração e comprometer-nos nela com alegria.

---

<sup>52</sup> Ibid., p. 356.

<sup>53</sup> Ibid., p. 363

<sup>54</sup> Spiritualité Apostolique, p. 6, conferência aos Irmãos Capitulares de 1985.

4

## OS FRUTOS DA ORAÇÃO

O risco, aqui, é deixar-se tentar por um tema clássico sobre os frutos da oração. Por isso vamos ceder o mais possível a palavra a Basílio a fim de ficar em contato com sua vivência.

### 4.1. Frutos no coração

Em seus escritos e em sua vida descobrimos que a oração produz, principalmente, frutos no coração daquele que reza. Ela proporciona um conhecimento experimental de Deus, é um tempo de epifania e de evangelização em que Deus é conhecido como Pai e, portanto, amado. Falando do Fundador, Basílio diz que ele tinha “um senso muito vivo da paternidade e da bondade de Deus”. Na nota ao pé da página ele nos lembra que as idéias jansenistas ainda estavam presentes na Igreja de França e insistiam sobre o temor, o pecado, o inferno<sup>55</sup>. A oração que coloca diretamente em contato com Deus liberta dos “pelourinhos” teológicos opressivos porque revela o Pai. Então, passagens do Novo Testamento são repetidas de bom grado: “Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único (Jo 3, 16) ou ainda: Deus é amor!” (1Jo 4,7). É na luz da oração que Basílio descobre o grande segredo que todos carregamos, que é “*o Cristo é eu e eu sou o Cristo*”, ou que *Jesus é o que podemos chegar a ser para Deus e Deus para nós*.<sup>56</sup> Como é ainda a oração que experimenta que aquele que reza em nós é o Espírito Santo e que, portanto, tomamos o hábito de lhe dirigir nossa oração, abandonamo-nos a Ele para que Ele clame com seus gemidos: *Abba, Pai!*”.<sup>57</sup> Basílio considera Marcelino como emergindo da oração e escreve: “Quando o homem aparece nele, apresenta-se sempre banhado da luz de Deus, que ele ama do melhor modo. Por certo, não é o homem, mas Deus que a gente encontra no fundo do seu coração. Não é um humanista ou líder social; é um

---

<sup>55</sup> Circ. 2 janvier: Les appels de l'Église... p. 592.

<sup>56</sup> Ibid., p. 611.

<sup>57</sup> Ibid., pp. 613-615.

santo, agindo como agem os santos”.<sup>58</sup> O que Basílio afirma do Fundador, sabemos que podemos aplicá-lo facilmente a ele, e muitos testemunhos o fazem. Outro aspecto importante que ele sublinha é quando cita longos trechos duma conferência do Padre Olegário González, e o faz com tal espontaneidade que, em certos momentos não sabemos mais quem fala, de tal modo são misturados um ao outro, convencidos do que afirmam. E acertadamente dizem que a descoberta de Deus, o diálogo com Ele, revelam também o senso ontológico da existência humana e fazem com que ela se realize; nesse sentido recordam Santo Agostinho: *“Fizeste-nos para ti, Senhor, e nosso coração está inquieto, enquanto não repousar em Ti”*.<sup>59</sup>

Uma das conseqüências imediatas será certa facilidade, *certa alegria na prática das virtudes*. Basílio cita um belo texto do Fundador: “Como a virtude é fácil, e como custa pouco o sacrifício que ela exige, quando se ama a Jesus! O amor de Jesus é para o religioso que palmilha o caminho da virtude, o que são as velas para o navio que singra os mares; esse amor o impele sem que se dê conta, à prática das mais altas virtudes”.<sup>60</sup> Assim a oração possui um poder de ação em primeiro lugar sobre aquele que reza: é luz, é amor, é força.

## 4.2. Fonte de apostolado

Essa intensidade de vida interior tenderá a transbordar sob as mais diversas formas de apostolado. A oração cria a necessidade de dar-se. Basílio o diz em textos magníficos já citados, e mais ainda o vive numa atenção fraterna que revela que os Irmãos habitam no seu coração e num trabalho apostólico que lhe faz queimar a vida pelas duas pontas; aí estão realmente sua alegria, seu ideal: *“Queimar a vida por Cristo!”*. Basílio escreve: “Quanto ao homem fiel – sobretudo o santo – responde por sua vez não somente por palavras, mas também por atos... O amor procura o diálogo, tem necessidade de ligação, de comunicação: é para ele uma exigência vital”.<sup>61</sup> Ele observa espontaneamente o modelo marista, Marcelino, nosso Fundador, e escreve: “Todo o mundo conhece também a manifestação dessa vitalidade interior no zelo intrépido, na caridade abrasadora para com todos, para qualquer necessidade, sobretudo moral; e na obra de seu Instituto: presente que seu

---

<sup>58</sup> Ibid. p. 593.

<sup>59</sup> Confessions, 1, 1; Citado na Circ. Appels de l’Église... p. 609.

<sup>60</sup> Circ. 2 janvier: Les appels de l’Église..., p.592.

<sup>61</sup> Ibid., p. 594.



Instituto ofereceu ao mundo em angústia”.<sup>62</sup> No fundo dessa página escreve ele uma nota preciosa que comenta o que acaba de dizer e que é verdadeira também para ele: “É um típico traço que caracteriza um santo. Enquanto um homem socialmente inquieto está muito sensibilizado por todas as misérias humanas, como a fome, a pobreza, as doenças e a dor, mesmo não o estando pela pobreza moral e religiosa, um santo é homem muito sensível às primeiras, mas sua caridade e dor tornam-se mais ativas diante das misérias morais e religiosas. Isso é normal, visto que traz gravada em seu coração a hierarquia dos valores evangélicos”.<sup>63</sup>

### 4.3. Fonte de comunhão

A oração torna-se fonte de comunhão com aqueles que vivem e trabalham conosco; transforma a comunidade em comunhão. Basílio dizia aos Irmãos do Canadá, no retiro que lhes pregou em 1970: “Atualmente dialoga-se muito. Está muito bem. Mas não tenham nenhuma confiança num diálogo que não nasce da oração e que não é precedido pela oração. É pela oração que se obtém entrar na ótica de Deus e dizer as coisas conforme a vontade de Deus”.<sup>64</sup> Todos os colaboradores de Basílio reconhecem quanto buscava a colaboração, confiava nos outros, criava espírito de família, fazia que a comunidade fosse comunhão. Escreveu: “A oração é uma ajuda vigorosa para a manutenção da caridade e da unidade quando o próximo nos incomoda”. E, citando Vieujean, continua: “O amor do próximo é semelhante ao amor de Deus; não se mantém, não se intensifica, nem se aprofunda, senão pelo recolhimento, meditação, dedicação e renúncia. É impossível fazer mal ao próximo quando se age em estado de oração”. Ele continua então com o mesmo impulso: Na verdade, essa oração aclara tudo, tudo pacifica; por ela as justas dimensões em tudo são atendidas. Não podemos aproximar-nos de Deus sem participar de seu espírito, de sua indulgência, de sua paciência, de sua bondade. Quando o próximo nos contraria, nos irrita, quando chega o momento em que ele se torna para nós uma ‘coisa’, basta lembrá-la na oração para que volta a ser para nós ‘uma pessoa’.<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> Ibid., p. 591.

<sup>63</sup> Ibid., p. 591.

<sup>64</sup> Le Rév. Fr. Basilio Rueda parmi nous, p. 67, Canada (Iberberville)..

<sup>65</sup> Circ. 2 janvier 1968: Les appels de l'Église... p. 601



#### 4.4. No concreto da vida

Lendo essas afirmações podemos estar tentados a pensar: “Nós todos conhecemos a teoria”. Então pensemos na atividade transbordante de Basílio; na sua habilidade de escuta; na sua capacidade em colocar-se à disposição dos outros, tanto quanto quisessem; nos grandes desvios que fazia nas viagens para reencontrar e confortar Irmãos em dificuldade; na sua atenção aos pobres; na ação para orientar vigorosamente o Instituto para as missões e para os pobres; na extraordinária energia que pôs na renovação de nossa família, como pedia o Vaticano II; nos conselhos, conferências, retiros que nos ofereceu para que saíssemos duma oração demasiadamente formalista e nos tornássemos mais verdadeiros diante de Deus; na sua Circular sobre a Vida Comunitária, para que nossa convivência se tornasse mais evangélica, mais fraterna, mais adulta. Parece-me que o grupo de Irmãos que mais recebeu cartas pessoais e cartas de grande amizade foi o dos Irmãos que trabalhavam em Moçambique e Angola. Ele sabia que estavam sob constante ameaça do Marxismo e em condições de grande precariedade. Ofereceu-lhe com abundância seu saber e seu coração, fez-se presente como pai, porque eram os filhos que mais necessidades tinham. Basílio não é alguém que tenha ficado na teoria, como também sua oração não era uma teoria da oração, mas uma vida.

#### 4.5. Desastres na ausência da oração

Há uma faceta que revela os benefícios da oração e é o que acontece quando ela está ausente: “Posta de parte toda teoria, a realidade, demonstrada pela experiência, diz que uma vida espiritual sem oração não é verdadeira vida espiritual... Uma espiritualidade que dispense a oração é utopia. Nosso Beato Fundador dizia-o sem circunlóquios: ‘Um homem que não sabe rezar, não sabe nem praticar a virtude, nem fazer o bem entre as crianças... Um religioso que não é piedoso jamais estimará e amará sua vocação, porque nela estará sem consolação’”.<sup>66</sup> Basílio atrai nossa atenção sobre o seguinte fato: “Quanto mais se fala da personalidade, quanto mais é proclamada, tanto menos se nota sua miséria. Para aquele que ainda possui um pouco de fé, *a falta de oração é a causa evidente dessa falta de personalidade* de que falamos, sobretudo da personalidade profunda. Nas épocas em que se fala muito e em que mais ainda se discute a respeito de vida religiosa, cristã, consagrada, o

---

<sup>66</sup> Ibid., pp. 594-595.

paradoxo é que são vividas muito superficialmente e se está em crise e em tentativas que, em vez de levar à superação, acentuam o declínio e a queda”.<sup>67</sup> No retiro que pregou no Canadá, em 1970, Basílio descreve os falsos profetas: “Há pessoas que só querem a renovação na medida em que a ela significa concessão: gozar um bom fim de semana, tomar três copos de uísque com soda, contar estórias assim, assim. Que magnífico espírito comunitário! Resultado: estômagos inchados. Essa gente tem o espírito e o coração no estômago. São perfeitos burgueses instalados como celibatários na comunidade...”.<sup>68</sup> Encontramos aqui um Superior-Geral que não vai com afagos. Quando se tratava da saúde do Instituto, ele usava uma linguagem forte e categórica a fim de ser claro e fazer compreender a importância do assunto. Dizia ele: “Estou disposto a perder sete Irmãos imediatamente numa Província. Esses Irmãos que dizem: ‘Quanto a mim, não sou capaz daquilo que o senhor pede’. Que saiam logo. Eu lastimo, mas aceito. Prefiro perder sete Irmãos em 1970 e conservar um nível espiritual elevado numa Província, a deixar instalar-se pouco a pouco a vida fácil e a mediocridade que produzirão depois hemorragias sucessivas de dez, quinze, vinte Irmãos por ano”.<sup>69</sup>

Seus conselhos são diretos, sem rodeios, colocam o dedo sobre a chaga: “Tendo refletido sobre o caráter e as inquietações de vocês, minha impressão é a seguinte: estão um pouco levados, pelo ambiente, a uma espécie de descida progressiva para a comodidade, a vida fácil, tanto no domínio espiritual como no domínio material. Por exemplo: ‘Eu rezo quando quero; sou sincero, autêntico; quando não tenho vontade de rezar, eu não rezo. Rezo quando experimento a necessidade’, etc. Por causa de todas essas idéias, existe em vários uma espécie de tentação que os leva progressivamente para o mais cômodo, para o conforto na vida espiritual. E então o sentido da superação, da força da vontade torna-se paulatinamente relaxado. Vocês precisam de superiores que os façam se superar”.<sup>70</sup> Precisam de homens que os ajudem à superação. Doença dos Irmãos Canadenses? Absolutamente não! É o mundo inteiro que encontrou condições de vida mais ricas, mais fáceis, em que o estilo de vida religiosa tem dificuldade de encontrar suas próprias fronteiras e a resistir para não se deixar penetrar de princípios e de hábitos do mundo. Ora, justamente nesse mundo de abundância, Basílio admira e elogia

---

<sup>67</sup> Ibid., p. 604.

<sup>68</sup> Revue d’Iberville, notas coligidas pelo Ir. Arthur Dugay, p. 92.

<sup>69</sup> Ibid., p. 3.

<sup>70</sup> Ibid., p. 3.

esses numerosos Irmãos Canadenses, 35 a 40% dos Irmãos de uma Província que deixam esse bem-estar material para ir viver nas Missões, na África ou alhures onde as condições de vida oferecem pouco luxo. Ele sublinha igualmente que essas Províncias Canadenses enviam muito dinheiro às Missões.<sup>71</sup> É depois desse retiro de 1970 que as Províncias Maristas do Canadá vão conhecer uma expansão missionária: Madagascar, Haiti...

Mesmo quando salienta casos negativos, o que faz parte de sua responsabilidade de Superior, deixa entrever aquilo que é precioso para a vida espiritual: “Não é normal que a recepção da Santa Eucaristia deixe indiferente uma alma consagrada, e que esta abandone freqüentemente a comunhão. O que, sobretudo, é inaceitável é que um religioso não assista à missa cada dia: o superior tem então o dever de adverti-lo séria e expressamente. Seria falsificar o Concílio pretender apoiar sobre ele uma conduta tão anormal”.<sup>72</sup> Para Basílio são corações em que o amor se entibiu e a fé se obscureceu. Depois acrescenta, seguindo o bom senso cristão, e após ter falado em favor da oração litúrgica: “... Para participar abundantemente da Liturgia e aproveitar dos frutos dos sacramentos, é absolutamente necessária a prática séria da oração particular...”.<sup>73</sup>

Nessa possibilidade de desastre, o Irmão Basílio gosta de citar o Padre Arrupre: “Em nossos dias, mais talvez do que num passado recente, tornou-se claro para nós que a fé não é algo de adquirido uma vez por todas, que não possa enfraquecer-se e mesmo perder-se e que é necessário seja renovada constantemente, alimentada e fortalecida. Assim, pois, nossa fé e esperança vivem a céu aberto, ‘postas à prova da descrença e da injustiça’, o que exige de nossa parte, mais do que nunca, a oração que mendiga essa fé... A oração nos faz medir nossa pequenez, bane as seguranças puramente humanas e os dogmatismos que dividem, e nos prepara assim, na humildade e simplicidade, à comunicação dessas revelações que só é concedida aos pequenos”.<sup>74</sup>

#### 4.6. Síntese das vantagens

Nesse jogo de luzes e de sombras, o Irmão Basílio dá a entender como a oração é indispensável para que a comunidade se torne comunhão, e o apostolado receba o dinamismo de que precisa. Citemos uma página que

---

<sup>71</sup> Conferência sobre a Pobreza, Ávila (Espanha), 1972, Bética Marista, 1972, p. 157.

<sup>72</sup> Circ. 2 janvier 1968: Les appels de l'Église... p. 386.

<sup>73</sup> Circ. 2 janvier 1968: Les appels de l'Église... p. 389.

<sup>74</sup> Espiritualidade Apostólica, p. 7.

sintetizam um pouco as vantagens que traz a oração: “Com os homens cujo coração é pacificado pelo Espírito de Deus, educado, evangelizado, enriquecido por longos momentos de oração, sente-se como tudo mudou, tanto do ponto de vista do próprio homem, como do apóstolo ou do membro da comunidade. Para nós, a oração verdadeiramente profunda deveria permitir:

1. Que nossas orações partilhadas sejam verdadeiras e não superficiais.
2. Que o espírito de escuta forme nosso coração. Fala-se demasiadamente a Deus. Nós o escutamoss nimiamente pouco...
3. Que desperte em nós o sentido de louvor e de gratidão... Sem o sentido do louvor, a oração permanece infantil, toda condicionada pelo egocentrismo e interesse, pela satisfação pessoal.
4. Que se desenvolva o sentido evangélico da vida...
5. Que a caridade fraterna se torne a tessitura de nossa vida comunitária...
6. Que nosso apostolado seja, realmente em profundidade, pleno de reta intenção, de desapego, de disponibilidade. Que sua verdade marque para a vida as pessoas que encontramos”.<sup>75</sup>

Na segunda conferência que proferiu aos Capitulares em retiro, em setembro de 1985, leu-lhes uma passagem luminosa dum documento da Congregação dos Religiosos, cujo título é *A dimensão contemplativa da vida religiosa*:

“A dimensão contemplativa é o verdadeiro segredo da renovação de toda a vida religiosa: ela renova vitalmente o seguimento de Cristo, porque conduz a um conhecimento experimental do Senhor, e tal conhecimento é necessário para poder dar testemunho autêntico, testemunho daquele que ouviu daquele que viu com seus próprios olhos, daquele que contemplou e que tocou com suas próprias mãos”.<sup>76</sup>

Eis um retrato que Basílio faz do jovem Irmão, conforme o Concílio. Não é difícil ver nisso como filigrana, seu próprio retrato e os valores que estimava: “Jovens de que precisamos hoje: entusiastas pelo Reino de Cristo, centro de sua vida religiosa, amando o Instituto, dotados sobretudo de fidelidade, de vida interior e de uma vontade de superar as crises e os momentos difíceis que surgem inevitavelmente na vida de todo consagrado, como também na de todo homem dotado de equilíbrio psíquico e duma maneira de ver sobrenatural... Se esses jovens religiosos são, além disso, capazes, na

---

<sup>75</sup> Circ. L’Oraison, pp. 342-343.

<sup>76</sup> La Spiritualité chrétienne, p. 40.

liberdade, de dinamismo, de mais ampla abertura, junto com as qualidades pessoais de invenção e de iniciativa... tanto melhor”.<sup>77</sup> Para alcançar esse ideal a oração é absolutamente necessária.

---

<sup>77</sup> Circ. 2 janvier 1968: Les appels de l'Église... pp. 495-496.

## QUE É A ORAÇÃO PARA BASÍLIO?

A resposta acha-se muito bem em tudo o que já foi dito, sobretudo na parte das fontes. Bastaria reler essas páginas para obter uma braçada de respostas. Entretanto, na *Prática sobre a Oração*, Basílio nos propõe, em 23 páginas, quatro definições da oração.<sup>78</sup> Quer dizer que a definição é ao mesmo tempo simples e complexa. Por isso encontraremos frases límpidas e breves para dizer-nos o que é a oração, e reflexões mais longas porque a oração é também um universo. São definições teóricas, mas que Basílio haure de sua experiência sobre a oração; sua vivência está sempre presente nessas definições. É seu próprio caso que ele generaliza. Para nós elas possuem interesse porque são reveladoras de Basílio. (A circular *Prática sobre a Oração*, retoma, quase palavra por palavra, conferências que Basílio proferiu em Logronho (Espanha) no decorrer do verão de 1972. Ora, há uma reflexão que não foi citada na *Prática sobre a Oração*, certamente porque demasiadamente pessoal; em todo o caso, seria preciso vivê-la para descrevê-la tão exatamente. Basílio diz: “Há ocasiões durante as quais fazem-se orações em que Deus se revela no coração. Isso é realmente possível: é uma prece de tal valor, de tal peso de misericórdia, de tal força, que se pode viver três ou cinco dias numa espécie de atmosfera permanente, e aí pode-se dizer que algo faz mal no coração, que há como que um substrato subconsciente, que faz com que a gente se sinta apenas presente, e apenas se dê conta de estar fazendo alguma coisa. Está-se como que empacotado, mergulhado numa atmosfera, que é o eco, não ainda extinto, de um momento ou de um tempo extremamente privilegiado de uma prece que foi dom de Deus. Essas orações quase nunca são produtos do homem. Tal oração não é o homem que a produz. É um dom em que ele não intervém em nada. Essa oração causa tal peso de graça, tal peso de Evangelho, sentido como um calor e uma dor que deixam como uma atmosfera envolvente na qual vai se encontrar durante três ou cinco dias aquele que reza e ele se dá conta de estar envolvido por algo”.<sup>79</sup> Pode-se muito bem pensar que Basílio está descrevendo uma experiência que ele viveu. Voltemos à *Prática sobre a Oração* e às definições que aí encontramos.

<sup>78</sup> Circ. Entretien sur la Prière, pp. 493-516.

<sup>79</sup> Llamamiento a la renovación, n. 1, pp. 8-9, outubro de 1972.



Eis a primeira definição:

*“A oração é o começo, a essência e a antecipação da transcendência”*.<sup>80</sup> Basílio explica logo que a oração não é, em primeiro lugar, para ser útil, ela é um modo de ser, é estar diante de Deus. “A oração não é um ‘eu sou para tal coisa’, mas um ‘eu sou’ com todas as exigências do ser”. Basílio cita um caso acontecido quando pregava o retiro a Irmãos em Ávila. “Alguns Irmãos cheios de zelo, após o retiro, foram visitar certo homem, doente incurável, Juan, na casa dele. E entre outras coisas, perguntaram-lhe: “Que será para você a vida eterna?”. A resposta foi esta: “Continuar a fazer o que estou fazendo: contemplar!”. Basílio esclarece então a definição: “A oração é em si o começo, o balbuciar dum diálogo, que depois vai encontrar todo o seu esplendor”. Assim compreendida, “a oração vale por si mesma”: ela é esse diálogo indispensável com o Criador.

“Em sentido estrito, a oração é conversar com Deus, graças à fé, no amor e com amor. Aquele que fala com Deus fora do amor, não reza. Não reza também aquele que não ama. Rezar é falar com Deus no universo da fé e pela força do amor... Eis o que é rezar...”.<sup>81</sup>

A segunda definição é mais complexa:

*“A oração é para o cristão uma necessidade psicoteológica vital”*.<sup>82</sup> Para fazer-se entender, Basílio desce à definição dum cristão: “Não aquele que ‘pratica’, mas aquele em quem a vida de Jesus se transfunde, que é vivido por Jesus e pelo Espírito de Jesus. Ora, se vive com Jesus, é na medida em que o Batismo remonta nele como um mar que invade seu coração, sua cabeça, os critérios de seu julgamento, sua consciência... *Lá onde remonta o Batismo, lá a necessidade da oração se faz sentir*”. Diante dessa definição do cristão, podemos supor que é exatamente aquilo que Basílio vive: ele é vivido pelo Cristo e pelo Espírito do Cristo, e essa presença lhe está no coração, na cabeça, nos critérios, na consciência, como amor do Cristo, pensamento do Cristo, critérios do Cristo e consciência do Cristo. Eis o que torna claras também frases freqüentes em Basílio, sob formas diferentes, que “o Cristo é eu, e eu sou o Cristo”. Para se chegar a esse estágio haverá outros caminhos, a não ser a oração? E se isso se converte em ideal, em paixão, como vivê-lo senão, antes de tudo, na oração, que reaviva a consciência desse ideal e lhe permite existir? E Basílio torna

<sup>80</sup> Circ. Entretien sur la Prière, pp. 493-496.

<sup>81</sup> Llamamiento a la renovación, n. 1, p. 8, outubro de 1972.

<sup>82</sup> Circ. Entretien sur la Prière, pp. 496-502.



precisa ainda a sua segunda definição: “Fundamentalmente, a oração é o exercício da fé; mas a fé é diálogo; ela não consiste em ruminar aquilo que se crê, mas consiste em falar ‘com’, ‘a respeito de’, ou ‘a partir de’. Ela pede aquilo que ama.... Ela exprime o amor que já palpita no coração. Sim, fundamentalmente a oração é isso... Não, na verdade, a oração cristã não se limita ao pedido. É um diálogo de fé e esperança. Uma fé que está em contato com o mundo, e uma esperança que está comprometida na batalha do mundo”.

Depois Basílio estabelece uma espécie de paralelo entre a oração e a Igreja; as ações atribuídas a uma, podem também ser atribuídas a outra: “A oração cristã é um diálogo na fé, um diálogo na esperança. É comparada com esta bela imagem da Igreja: a casta prostituta. Casta prostituta, com efeito, esta Igreja que leva o homem do pecado à santidade; que conserva o projeto elaborado no Evangelho, chocando-se sem cessar com a realidade cotidiana que sente a desproporção e quer, assim mesmo, nas dores do parto, a redenção em que está prestes a chegar, mas apesar disso ainda não chegou. Ela torna-se esperança e é daí que haure a oração de petição. Esta não é outra senão o grito de apelo à redenção, mas é ao mesmo tempo grito de ação de graças porque a redenção já veio”.<sup>83</sup>

A terceira definição é a mais complexa:

*“A oração é uma epifania antropomórfica de Deus, uma manifestação misericordiosa pela qual Deus assume uma humanidade e põe-se a rezar”.*

Imediatamente ele explica: “O homem tende a tornar-se o Cristo em oração. E, mesmo se isso é raro e possa parecer exagero, é, assim mesmo, real”. Ele enxerta nessa reflexão o caso da criança no seio da mãe. É uma vida que se desenvolve pela vida da mãe. Do mesmo modo, Basílio nos vê no Cristo; nossa comunhão com Deus é partilha da comunhão que o Filho tem com o Pai. Ele diz: “Quando um homem reza e sua vida é verdadeiramente cristã, é o Cristo, primogênito do seio de Maria, que reza nele; sua oração não é senão a vida de Cristo que se exprime em palavras...”.<sup>84</sup> Nossa oração é assumida pelo Cristo e dirigida ao Pai por ele. É importante saber que, quando rezo, não estou só, é o Cristo que reza em mim e comigo. É por isso que essa oração será necessariamente escutada pelo Pai. Pelo menos Basílio está consciente e convencido disso, e é assim que ele reza, como uma voz e um

---

<sup>83</sup> Circ. Entretien sur la Prière, p. 500;

<sup>84</sup> Circ. Entretien sur la Prière, pp. 502-505.

coração à disposição do Senhor. Toda verdadeira oração é assumida pelo Cristo e é também participação da oração do Cristo.<sup>85</sup>

A quarta definição apresenta a oração como *“uma expressão do coração de três pessoas na encruzilhada de dinamismos variados e de esferas existenciais de oração”*.

Ele reconhece que essa definição é abstrata. Então ele a retoma em detalhes: “E, em primeiro lugar, a oração é expressão. O cristianismo não é uma mentalidade, um sistema de pensamento; ele não é, em primeiro lugar, nem uma moral nem um culto; é uma vida interpessoal em unidade: ... Jesus e eu e o Pai. Eu e Jesus somos dois, mas somos também um, porque Jesus e eu somos Igreja. O cristianismo é antes de tudo uma vida e uma companhia, uma vida de pessoas com pessoas e, portanto, uma vida em que se fala, não uma vida de solidão e de silêncio”.

Mas o eu pode ser que esteja só, seja membro da Igreja ou membro duma comunidade. Há vezes em que ele reza a partir daquilo que é importante no fundo de seu coração, mas quando reza como membro da Igreja ou da comunidade, estas devem estar presentes com a densidade de sua vida. Basílio diz: “É preciso estar atento em colocar na oração o que é a verdade da vida ou a verdade do desejo... Se o mundo impressiona nossa retina de maneira evangélica, ele encontrará justo lugar. Se não, teremos orações de dissociação”. A oração carrega “o projeto de um mundo para passar do inumano ao humano... No coração de todo apóstolo deve existir a angústia da História da Salvação”. Mais claramente Basílio dirá: “A oração é uma expressão do coração. Ela fala não com a boca, mas com o coração... Ela é uma expressão do coração a Deus, de três pessoas... eu, a comunidade e a Igreja. Ora uma, ora outra. Ela fala a Deus na encruzilhada de diversos dinamismos”.

Entretanto, para Basílio, o Cristo permanece essencialmente presente em todas essas orações: “A vida cristã é, em sua raiz, uma vida na Vida, porque somos filhos no Filho, porque o Filho, primogênito de Deus, é também o Filho único de Deus. Deus tem só Jesus como Filho; ou somos filhos nEle, ou não somos filhos em ninguém...”.<sup>86</sup> Reencontramos aqui uma das idéias fortes de Basílio: a união profunda existente entre Cristo e o cristão é como que uma fusão de duas pessoas, não somente sem que nenhuma desapareça, mas ambas adquiram sua maior plenitude possível.

---

<sup>85</sup> Constitutions, n. 64.

<sup>86</sup> Circ. Entretien sur la prière, p. 509

A oração é um lugar de encontro, de diálogo, de comunhão e de amor, em que o eu encontra Deus, a Igreja, o mundo, a comunidade. Mas do meu lado está o Cristo que toma a minha oração e a dirige ao Pai, carregada das alegrias e dos sofrimentos da Igreja, da comunidade e do mundo. É um modo de ser que inicia e anuncia a eternidade.

Devemos reconhecer que é um modo original de definir a oração. Provavelmente porque a definição não foi tirada de livros, mas ditada pela vivência.

6

## UM MESTRE DA ORAÇÃO

CA leitura lenta dos escritos do Irmão Basílio, como também dos testemunhos que lhe prestam as pessoas que ele dirigiu, nos põe em comunhão com um homem que é conhecedor, perito, apóstolo da oração, mestre de vida e também muitas vezes homem de grande bom senso.

### 6.1. Um conhecedor

Conhecedor porque possui a ciência desse universo da oração. Ele pode falar de limiares, ritmos, etapas, tarefas, estruturas, tempo, lugar e gêneros da oração. Digamos, ele conhece tudo quanto se diz a respeito da oração e do contexto concreto em que vivem as pessoas. Eis, por exemplo, como ele vê a situação do Instituto, no ponto de vista da oração, em 1979. Profere uma conferência aos Superiores Maiores de diversas Congregações e lhes diz: “E sobretudo nosso Capítulo Geral de 1967 produziu sobre a oração um documento que era talvez o maior fraco de todos, portanto, pouco apto para ajudar a uma nova subida.

Nossa tarefa era a de Paulo: conduzir nossos Irmãos da lei à liberdade, fazendo deles homens do Espírito. Entretanto terá sido necessário ser realistas e compreender que há ‘tempos e momentos’.<sup>87</sup> São Paulo cumprira sua missão num momento de ascensão dos valores cristãos completamente novos. Pelo contrário, estávamos, nós, num momento de crise que inquietava em vastos setores da oração e questionava a utilidade e a validade da vida contemplativa; tínhamos que dedicar-nos a homens muito pouco formados e espiritualmente pouco equipados”. E Basílio acrescenta ser realista, dizendo isso, e de forma nenhuma nostálgico do passado: “Guarde-me Deus de desconhecer as grandes vantagens que eles (Concílio e Capítulo) nos trouxeram em diversos setores; e ademais, de toda a maneira, precisamos navegar no mar onde o Senhor colocou nosso barco”.<sup>88</sup> Quando estamos diante dos escritos de Basílio, que tratam da oração, somos tentados a

---

<sup>87</sup> Ef 5,16; Cl 4,5; 1Ts 5,1

<sup>88</sup> La Contemplation dans l’Action, p. 8.

apoderar-nos deles abundantemente. Sentimos que nos instruem, nutrem nossa alma, nos põem em contato com alguém versado no assunto. É a razão dos numerosos extratos propostos na segunda parte deste capítulo.

## 6.2. Um perito

Teórico da oração, teólogo da oração, certamente, mas ele é muito mais que isso, visto que é um perito, no sentido que ele a pratica abundantemente, fala da abundância do coração e da abundância de tempo que passa com Deus. Perito ainda porque, como diretor espiritual de muitas pessoas, tem a oportunidade de mergulhar o olhar na intimidade dos outros onde o grande artista que é o Espírito Santo, embeleza dia a dia suas obras-primas. Na Circular sobre a Oração escreve: “Vou, portanto, apoiar-me na experiência de numerosos anos de contatos bastante profundos com a vida dos Irmãos, sobre minha própria experiência também de momentos fortes e de momentos fracos de minha oração e, mais ainda, evidentemente, sobre a tradição de séculos da Igreja, sobre o ensinamento de tantos homens que fizeram a experiência de Deus”.<sup>89</sup> Há um exemplo que Basílio cita muitas vezes e que é sintomático: a carta que São Pedro de Alcântara envia a Santa Teresa de Ávila. Ele a censura por buscar conselhos para a reforma do Carmelo junto a teólogos e canonistas, e ele se explica: “Se se tratasse de processos ou de disputas, você deveria recorrer a eles; mas você não sabe que, em matéria de santidade, é somente a Santos que deve recorrer, *porque ninguém pode dar-lhe conselhos, além daquilo que ele mesmo vive?*”.<sup>90</sup> Para nós é evidente que Basílio dá conselhos a partir do que vive, embora, para si mesmo, está convencido que não possui grandes riquezas espirituais.<sup>91</sup> É realmente a partir de sua vivência que pode dizer que a oração não é uma enfiada de exercícios de piedade, mas “viver a melhor aventura, andar nas vias da união com Deus, até alcançar a intimidade com Ele, a plenitude de seu amor, cada qual segundo a graça da oração que o Senhor lhe reserva em seus desígnios providenciais. ‘Onde está teu tesouro, aí está também teu coração’. E poder-se-ia acrescentar: onde está teu coração, aí está também teu ser”.<sup>92</sup>

---

<sup>89</sup> Circ. L’Oraison, p. 334.

<sup>90</sup> Circ. L’Oraison, p. 330.

<sup>91</sup> Ibid., p. 329.

<sup>92</sup> Circ. L’Oraison, pp. 351-352.

### 6.3. O apóstolo e o Irmão

O que motivou as *Circulares Prática sobre a Oração* e *A Oração* é essa espécie de desafeição pela oração e meditação que se difundiu, não se sabe bem como, após o Concílio. Essas duas *Circulares* são uma defesa luminosa e entusiasta da oração e da meditação. Em muitas páginas reencontra-se o apóstolo que quer convencer, que põe toda a sua inteligência em desalojar os sofismas e a dizer com clarividência o valor do diálogo com Deus. Aos Provinciais primeiramente, depois a todos os Irmãos, ele diz: “Somos convidados a abrir grandemente as portas ao Senhor em nosso Instituto, a deixar entrar em cheio o sol na vida de nossos Irmãos, para que verdadeiramente Deus seja o primeiro servido. Sim, é preciso que a gratuidade, o louvor e a escuta encontrem todo o espaço de que necessitam e que nos tornemos enfim disponíveis para que o Espírito possa trabalhar-nos, evangelizar-nos e modelar nosso coração ao seu jeito”.<sup>93</sup> Sua objetivo é justamente convencer os Irmãos de fazerem a experiência da amizade de Deus na oração, encontrar a alegria numa prece comunitária calma e criativa, redescobrir a felicidade que há em falar com o Cristo sobretudo na Eucaristia e apresentar-se desarmados para que seja o Espírito que reze em nós.

Basílio está convicto de que tem a arte de convencer. Sabe onde se encontra a vida e indica aos Irmãos os diversos caminhos para chegar a essa fonte. Nesse sentido, é verdadeiramente um Mestre de vida. Ele o é ainda, porque conhece nossa maneira de viver em comunidade, as alegrias, o trabalho, os bloqueios possíveis, os encontros, as tensões e os perdões. Suas múltiplas viagens o enriqueceram de contatos e visão sobre situações concretas; passava seu tempo com os Irmãos e recebendo Irmãos; suas enquetes permitiram-lhe igualmente conhecer segredos que, às vezes, são mais fáceis para escrever do que para dizer. Sua reflexão sobre a oração está enriquecida de observações práticas, a vida alimenta a oração, a oração é a luz que perpassa a vida e a repleta de esperança.

Essas observações e seus conselhos já anunciam a **Espiritualidade Apostólica Marista** que será sobretudo proposta sob a direção do Irmão Benito, após o Capítulo de 1993: “Se o mundo nos impressiona a retina de modo evangélico, ele encontrará seu lugar adequado. Se não, haverá orações de dissociação”.<sup>94</sup> Mais explicitamente Basílio escreve: “É preciso estar

<sup>93</sup> Circ. L’Oraison, p. 334.

<sup>94</sup> Circ. Entretien sur la Prière, p. 514.



atento para colocar na oração o que é a verdade da vida ou a verdade do desejo. Desse modo a oração já não atua como uma mãozinha, ela possui a força e constância de um motor”.<sup>95</sup> No *Apêndice sobre a criatividade na oração comunitária*, Basílio tem este parágrafo que poderia ser a definição da Espiritualidade Apostólica Marista: “Pôr a comunidade em *situação*, de maneira que sua oração repercuta não algo de intemporal, mas uma realidade muito cotidiana, inserida num momento histórico, etc. A comunidade comemora seu passado, agradece-o, revive-o. Interioriza seu presente; toma o pulso do porvir e, segundo o caso, segue o atrativo desse porvir e o escolhe”.<sup>96</sup> Algumas páginas além, ele acrescenta: “É por isso que, quanto mais essa oração for ‘existencial’, tanto mais representará o homem verdadeiro e a verdade do homem”.<sup>97</sup> Em seguida torna-se mais explícito para definir por antecipação o que é nossa Espiritualidade Apostólica Marista: “Dado que é um homem histórico que reza e um homem em situação, é importante que na sua oração possam entrar a vida, a situação, as circunstâncias, a história dos membros da comunidade e a própria comunidade. É preciso que a vida seja rezada pela comunidade e que a oração da comunidade se transforme depois em vida”.<sup>98</sup> É significativo também o título que o Irmão Basílio escolheu para a conferência que proferiu aos Superiores Maiores, em 1979: *A Contemplação a partir da Ação*. Aí ele constata que “sofremos de uma grande lacuna, ...no que concerne à dimensão contemplativa na vida de nossos Irmãos... Se, pois, quisermos continuar a ser homens chamados pelo Cristo a viver plenamente para ele, segundo seu Evangelho, em face dos outros homens e pelos outros homens, importa absolutamente assegurar:

a – uma ampla dimensão contemplativa em nossa vida;

b – uma contemplação muito ligada ao real e orientada à nossa ação específica.

Se não devemos resignar-nos a não ter nunca nossas vidas unificadas, mas uma tensão constante entre ação e contemplação... E é diante deste último estado de coisas que nos sentimos mais desprovidos. Não chegamos, de fato, a fazer uma síntese espiritual apropriada à nossa vocação, que seja realmente talhada para homens de espiritualidade apostólica”.<sup>99</sup>

<sup>95</sup> Ibid., p. 513.

<sup>96</sup> Circ. Apêndice sobre a criatividade na oração comunitária, p. 564.

<sup>97</sup> Ibid., p. 571.

<sup>98</sup> Ibid., p. 571.

<sup>99</sup> A contemplação a partir da ação, pp. 1-2.



Esse homem atento a observar nossa vida de Irmãos propõe-nos reflexões, a tal ponto sugeridas pelo bom senso, que só nos resta concordar com ele. Eis algumas delas: “É na verdade insensato dizer: ‘Rezo quando tenho vontade de rezar, porque quero ser autêntico’. E vive-se de tal maneira que, cada vez menos se tem vontade de rezar”.<sup>100</sup> Ele convida a ser criativos e verdadeiros nas preces comunitárias, mas adverte: “Uma verdadeira oração comunitária não se saca do bolso como um lenço; aliás menos ainda se faz surgir, como por encanto, uma boa oração pessoal. Importa sempre trabalho, esforço e método”.<sup>101</sup> E eis uma observação que, inicialmente, pode surpreender: “Sentir-se bem na sua pele pode ser uma prova não desprezível de saúde espiritual”.<sup>102</sup> Ele diz: “Há quem meta o detergente das reflexões secularizantes em sua máquina de lavar, mas esquece de meter também alguma coisa para lavar. Falam de oração, mas não rezam mais”.<sup>103</sup> É de muito boa Teologia que o bom senso guarde sempre o nível das margaridas. Penso que devemos muito a Basílio se certas questões a respeito da oração se tornaram antiquadas, por exemplo, aquela da ação que a gente opunha à oração e que era melhor que a oração. Basílio mostrou quanto tínhamos necessidade de tempos de intimidade com Deus, de momentos de celebração, como todo casal sério sabe dar-se momentos somente para si, que outra utilidade não têm senão a alegria de estar juntos e de reforçar o amor recíproco. Foi ainda Basílio que desmitificou o formalismo na oração. Rezar não é recitar tudo o que está preparado nas Laudes ou nas Vésperas, mas é dirigir-se a Deus com atenção, respeito, calma, verdade e, às vezes, um salmo bem recitado, meditado, partilhado, assimilado pelo coração, tem mais valor de oração que o conjunto das Laudes de um dia, recitadas apressadamente ou com monotonia. É o coração que é importante na oração e “não se deve esquecer que a vida do homem é feita para amar. E amar é um verbo transitivo, mesmo e sobretudo para quem vive em regime de virgindade”.<sup>104</sup> Basílio nos faz notar uma coisa muito justa: “...Na vida espiritual, à medida que a oração cresce, torna-se mais simples, mais estável, mais unitária e, no bom sentido do termo, mais uniforme, da forma perpétua do amor”.<sup>105</sup>

---

<sup>100</sup> Circ. Entretien sur la Prière, pp. 523-524.

<sup>101</sup> Ibid., p. 534.

<sup>102</sup> Ibid., p. 540.

<sup>103</sup> Ibid., p. 519

<sup>104</sup> Ibid., p. 522.

<sup>105</sup> Circ. Apêndice sobre a criatividade na oração comunitária, p. 562

#### **6.4. Em companhia do conhecedor, do perito, do apóstolo nosso Irmão.**

Caminhando com Basílio, na oração redescobrimos o Pai e sentimo-nos reanimados por seu amor, encontramos Jesus e deixamo-nos cristificar, como ele diz, deixamos que imprima cada dia um pouco mais claramente sua imagem e sua pessoa em nossa própria pessoa; abrimos os dois batentes de nosso coração para que o Espírito do Filho habite em nós e reze como ele reza em Jesus, a única palavra que é o tudo da oração do Filho: “Abba, Pai!”. Lendo Basílio, tem-se vontade de rezar. Suas páginas evocam muitas vezes nossas melhores experiências espirituais, nossos mais belos momentos de intimidade com Deus. Ele fala de alegrias que nós conhecemos, mas também dos momentos mais árduos e mais áridos por que também tivemos de atravessar. Há a comunhão entre Basílio e nós, ao ponto que poderíamos dizer que Basílio é um eu bem-sucedido.

Para ele, a oração pessoal é o encontro de dois amigos: Deus e aquele que reza, e o coração do oração é o amor e a sinceridade. Basílio insiste no aspecto da sinceridade na oração: falar com Deus a partir daquilo que se é, daquilo que se vive, de como a aventura humana ou eclesial ou comunitária vibra em nós, numa espontaneidade que ignora as fórmulas, mas que quer ser coerente, isto é, que coloca a vida de acordo com o que é vivido com Deus.

Basílio é realmente um mestre de oração. Sua única desvantagem é de não ser lido. Mas isso não é por culpa dele. Deu-nos ele o melhor de si mesmo, deu-nos o que ele é quando vive seus momentos de intimidade com o Senhor. Eis o último parágrafo de sua Circular sobre a Oração:<sup>106</sup> “Rogo ao Pai, de quem desce todo dom perfeito, que lhes conceda a graça de saborear a ternura de seu amor para conosco e introduzir-nos no caminho que conduz à sua intimidade, para viver essa vida oculta com Deus no Cristo Jesus, de que nos fala São Paulo, e que o Padre Champagnat e muitos dos nossos primeiros Irmãos souberam tão bem encontrar”.<sup>107</sup>

---

<sup>106</sup> Circ. L’Oraison, pp. 363-364.

<sup>107</sup> O contato direto com os escritos, ou pelo menos com a escolha de textos propostos na segunda parte destas páginas, vão reforçar nossa convicção de que encontrar-se na companhia de Basílio é realmente per a chance de estar com um mestre da vida espiritual.

## INICIATIVAS DE BASÍLIO EM FAVOR DA ORAÇÃO

Nesse ponto, o mais esclarecido é deixar a palavra ao próprio Irmão Basílio. Na conferência que proferiu aos Superiores Maiores, em 1979, e que traz o título significativo da *A Contemplação a partir da Ação*, depois de ter analisado a situação do Instituto sobre a oração, e verificando os numerosos pontos fracos, ele enuncia as iniciativas tomadas para que a oração e a contemplação adquiram um lugar decididamente central na vida dos Irmãos.

“Eis agora o que tentamos fazer, há vários anos:

1 – Depois de um primeiro momento de hesitação, começou-se a voltar aos retiros sérios, em que o destaque era o silêncio, a partilha orante, a contemplação e a atenção aos elementos de nosso carisma. (Sabemos que, durante seu primeiro mandato, Basílio ressaltou a renovação pedida pelo Vaticano II. Entre os temas dos retiros desse período, notadamente aqueles que ele orientou na Espanha, em 1972, os invariáveis eram aqueles sobre a existência e o conteúdo do mandato conciliar da renovação; a unidade e a caridade como único caminho aceitável para levar a bom termo essa renovação, e a análise do mandato conciliar da renovação. Entre os temas à escolha, havia a oração. E Basílio notava: Esse tema da oração presta-se a muitas nuanças: desde a Teologia da Oração e do crescimento da vida batismal, até os aspectos concretos, como: oração e vida; oração e engajamento temporal; oração e liturgia; oração comunitária; crescimento na vida de oração; dificuldades e objeções atuais contra a oração; nossa meditação... Basílio acrescenta uma nuança: Desses temas à escolha, a Oração é um daqueles que é preciso escolher quase sempre.)<sup>108</sup> Foi o que ele fez.

2 – Houve cada vez mais abertura aos movimentos de retomada da oração que apareceram depois de cinco ou dez anos: grupos de oração, casas de oração, numerosos livros sobre a oração, cursos de correspondência sobre a oração...

3 – Em não poucos lugares também houve contatos com os Focolares, a fim de viver melhor o Evangelho (a Palavra de vida) no meio da vida cotidiana e das atividades ordinárias.

---

<sup>108</sup> AFM. 73 06 034.

4 – Em nosso último Capítulo Geral, isto é, em 1976, os capitulares mostraram-se muito sensíveis à retalhação em que vivem os Irmãos, retesados, como dissemos, entre um ideal de vida comunitária a ser renovada, uma vida apostólica cada vez mais empenhada, e os apelos à vida contemplativa. Para lutar contra o perigo da atomização, os Capitulares redigiram um documento chamado PAC (Oração, Apostolado, Comunidade), visando a três objetivos:

a) Unificar os elementos que compõem nossa vida marista, procurando aliar humildade e realismo, ou, como diz Santo Agostinho, indo ao homem com uma ‘medida precária’.

b) Identificar realmente cada um dos elementos, procurando inventar, viver e depois definir o que podem ser uma vida comunitária, uma vida contemplativa e uma vida apostólica, que sejam realmente nossas, e entre as quais se possa colocar uma verdadeira unificação.

c) Deixar, entretanto, a cada Irmão, com seu apelo pessoal, descobrir sua pista de unificação, segundo o movimento que lhe imprime o Espírito Santo.

5 – O Conselho Geral fez, desde então, um enorme esforço de animação. Sobre seus 13 membros, pode-se afirmar que a grande maioria dedica pelo menos oito meses do ano a tarefas de animação (com o risco de até negligenciar o lado administrativo de sua função). Ora, entre essas tarefas de animação, a primeira prioridade é dada à animação da oração ordinária, tal como é vivida em comunidade...

6 – Nesse esforço cuidou-se muito atentamente da renovação da Eucaristia. Tanto esta como outras orações comunitárias foram sensivelmente melhoradas. Em seguida, com precaução, progrediu-se passo a passo, mas em geral com algum sucesso, no sentido de uma oração partilhada, ou de renovações na celebração eucarística...

7 – Bem recentemente detivemo-nos no problema da meditação no senso estrito do termo. Esse ponto foi mantido absolutamente prioritário. Durante um ano e meio, o Conselho Geral trabalhará nisso, questionando-se e procurando comunicar o resultado de sua experiência a todo o Instituto...

(Em N.B., Basílio precisava: “A título de exemplo, posso assinalar que procuramos organizar atualmente semanas concernentes não a todas as formas de oração, mas estritamente à meditação. Os Irmãos são informados de que não se trata da oração comunitária para a qual outros esforços foram feitos, e que a parte informativa será muito reduzida para ceder lugar – 7 a 8 horas diárias – a uma meditação conduzida dia por dia por um

‘acompanhante’ escolhido geralmente entre sacerdotes ou Irmãos que já possuem vida de oração séria e estável...

Vemos que, cada vez mais, importa preparar e aumentar nossos próprios recursos, porque, de um lado, o número de sacerdotes se rarefaz e, de outro lado, um certo número se orienta para outras tarefas que não são aquelas de guiar as almas na contemplação”.)

Enfim, nossa última reflexão no Conselho Geral foi para um esforço mais centrado sobre nós mesmos. Explico-me. Com efeito, tendo sido largamente tributários de contributos exteriores a nós mesmos, mais que de iniciativas hauridas em nossas fontes, queremos também apoiar-nos em homens de oração e experiência contemplativa que existem entre nós. Venho, pois, solicitar a todas as casas, esta contribuição: que, de forma anônima, os Irmãos que desejam colaborar para revitalizar entre nós um espírito de oração, conforme nossa espiritualidade apostólica, nos façam, com toda a simplicidade, uma descrição resumida de sua vida de oração, com seu conteúdo, seu estilo, dizendo sobretudo como a aprenderam, como a conservaram e em que pé está hoje...

Esse conjunto de esforços foi precedido pela Circular *Projeto Comunitário*, de 19 de março de 1978, depois seguido por aquelas sobre *O Projeto de Vida Comunitária*, de 21 de novembro de 1980, e sobre *A Oração*, de 8 de setembro de 1982. Essas Circulares insistem muito sobre o universo da oração. O *Projeto Comunitário* pretendia inaugurar o noviciado universal,<sup>109</sup> evangelizar a comunidade, entrar profundamente no carisma do Instituto, reconsagrar a vida religiosa, unificar nossa vida, chegar a uma oração de apóstolos, construir uma comunidade toda voltada para o Cristo: nEle, por Ele, para Ele... Evidentemente, a Circular tem uma visão mais ampla, que abraça todos os aspectos da vida comunitária, mas os aspectos da vida espirituais estão fortemente presentes.

Sempre, nesse empenho em favor da oração, cumpre sublinhar duas grandes conferências que Basílio proferiu aos Capitulares de 1985, durante o retiro de preparação do Capítulo. A primeira trata da *espiritualidade cristã*, e a segunda, da *espiritualidade apostólica e marista*. Esta última é uma reflexão muito densa e clara sobre a espiritualidade que convém ao Irmão Marista e sobre os meios para se chegar a ela. Constitui uma etapa importante do esforço que será feito

---

<sup>109</sup> Circ. Projet Communautaire, p. 7

mais tarde em favor de uma *Espiritualidade Apostólica Marista*. Todos os elementos dessa espiritualidade são postos em evidência.

E concluindo essa conferência, eis o que Basílio recomendava aos Irmãos Capitulares no retiro:

“Muito concretamente recomendo-lhes três pontos no grande silêncio que vivemos:

- longas horas de contemplação;
- orações comunitárias de grande densidade;
- viver em estado de oração nossas relações fraternais e preocupações capitulares”.

Parece-me que vale a pena apresentar uma página sintética dos esforços que o Irmão Basílio empreendeu ou fez empreender para renovar a oração em nossa família. Obteremos uma página rica, mas certamente incompleta.

#### Quadro sintético dos esforços em favor da Oração

1. Circular de 2 de janeiro de 1968: Os apelos da Igreja e do Fundador, uma vintena de páginas sobre a oração.
2. Uma série de retiros sobre a Renovação, visando a que os Irmãos passassem da Lei ao Espírito.
3. A meditação em voz alta.
4. Circular: Prática sobre a Oração.
5. Retiros sobre a Oração.
6. Abertura aos Movimentos de Oração.
7. Contato com os Focolares.
8. Documento Capitular: PAC (Oração, Apostolado, Comunidade).
9. Todo o Conselho comprometido na animação da oração comum, 8 meses sobre 12.
10. Cuidado particular para dar valor central à Eucaristia.
11. Esforço para criar um hábito de orações partilhadas.
12. Um ano e meio de esforço, em todo o Instituto, sobre a Oração.
13. Organização de semanas de oração com 7 a 8 horas diárias de oração.
14. Preparação de Irmãos orientadores.
15. As Circulares: A Obediência, Um Novo Espaço para Maria, A Oração, O Ano Champagnat, Projeto Comunitário...
16. L’Hermitage transformado em santuário marista.



17. Duas Conferências aos Capitulares de 1985: A Espiritualidade cristã e a Espiritualidade apostólica e marista.
18. Preparação de Constituições mais evangélicas.
19. Direção espiritual de muitos Irmãos.
20. Cartas como meio de direção espiritual.

Basílio é certamente admirável em todos esses esforços; encontramos o homem responsável e apóstolo. Acaso podemos dizer que ele teve êxito em nos fazer rezar melhor, em nos fazer rezar mais?

No Instituto, hoje, há duas correntes, que provavelmente sempre existiram sob formas diferentes. Um conjunto de Irmãos escutou o Irmão Basílio: deu mais tempo à contemplação, tem orações comunitárias mais calmas, fora dum formalismo rígido, mais inventivas e atentas à vivência da comunidade, da Igreja e do mundo. As eucaristias tornaram-se mais interiorizadas, centros da vida comunitária, verdadeiras celebrações. Esse grupo integra também de boa vontade a responsabilidade pessoal pela qualidade da vida espiritual. Parece-me que muitas comunidades têm hoje no Instituto essas características.

Mas a outra corrente que arrasta a comunidade para uma vida espiritual mínima não desapareceu. Esse grupo inspira-se mais nos princípios do mundo e de uma vida burguesa, do que nas sugestões do Espírito. Com efeito, esse contraste está oculto no coração de todos. Um Irmão generoso não ignora os atrativos duma vida mais cômoda; mas aquele que procura suas facilidades, por acaso tem o coração tranqüilo?

Basílio dizia que a vida religiosa deve ser guiada por um espírito de magnanimidade e generosidade, pela lei do Espírito com a qual não se pode nunca dizer que se fez bastante.

Estas páginas, que quiseram apresentar Basílio como o homem de oração, certamente são ricas. Elas tocam a Teologia da Oração, o coração da oração, a sinceridade e a oração, a vida e a oração. Realmente, no universo de Basílio a oração é como uma pérola colocada num escrínio que é o mundo espiritual mais vasto. Nesse mundo encontramos a espiritualidade apostólica; o esforço para a renovação, conforme o Vaticano II; a Igreja como Corpo de Cristo e Mãe dos fiéis; o mundo, objeto do amor de Deus e talento cósmico que Deus coloca em mãos para fazê-lo frutificar; a Virgem Maria e sua presença maternal; o Fundador com sua santidade, seu carisma, sua missão, o grande



entusiasmo das origens, a nova comunidade mais francamente caracterizada pelos valores evangélicos, as novas fronteiras do apostolado impelido para os pobres e para as missões, uma cultura mais aprofundada para que os Irmãos alcancem maior maturidade. Melhor que tudo isso, tivemos constantemente entre nós Basílio, como exemplo concreto de oração, de atenção fraterna, de abnegação, de trabalho. As gerações hodiernas crêem mais nas testemunhas do que nos mestres e, se crêem nos mestres, é porque também são testemunhas.<sup>110</sup> Basílio foi entre nós mestre e testemunha.

Todos os seus esforços tendem a possibilitar melhor encontro com Deus, mais forte e mais constante evangelização do coração, de sorte que a vida religiosa adquira gosto e sentido. Mas ele quer também equipar melhor os Irmãos em face dum mundo que evolui muito rapidamente, que se seculariza, que parece distanciar-se de Deus. Este mundo nos aperta, nos pressiona de todos os lados e nos faz constantemente respirar critérios de vida que estão longe de ser evangélicos. Ora, com o Vaticano II, não escolhemos fugir do mundo, viver longe dele, mas no mundo e para o mundo, onde queremos fazer brilhar a luz de Cristo e, como Basílio, enamorar-nos de nosso mundo. O esforço a favor da oração revela-se perfeitamente justificado e indispensável.

Mas talvez seja melhor possibilitar um contato direto mediante uma boa escolha de páginas de Basílio sobre o assunto da oração. O impacto e a convicção serão mais eficazes.

Não nos deixemos espantar pelo número de páginas, são todas de grande valor. E estamos livres de escolher uma leitura lenta para evitar uma indigestão de coisas boas.

---

<sup>110</sup> Evangelii Nuntiandi

## TEXTOS

### 1. CHEGAR A UMA VERDADEIRA ORAÇÃO

Prezados Irmãos, apoiando-me no apelo do Fundador, pretendi não somente lembrar sua vida, algumas de suas palavras e conselhos que provavelmente nos daria, se ele estivesse no meio de nós neste momento, mas ainda desenvolver a dialética da oração desde sua exigência mais subjetiva e mais pessoal até à plenitude duma oração eclesial e cósmica. Se me detive tanto, é porque estou convencido de que o abandono que está se generalizando em certos lugares não é menor que as idéias loucas que em outros lugares estão sendo semeadas em torno da oração, acompanhadas muitas vezes de atitudes que não são o fato da fraqueza ou do cansaço, mas são posições explícita e formalmente tomadas em que se descobre de tudo, salvo o Evangelho e a santidade.

Permitam-me modestamente dizer que, entre o Magistério da Igreja e os teólogos, coloco-me do lado do Magistério, e que entre os conselhos dos teólogos e dos dos santos, prefiro estes últimos. Talvez seja eu simplista e ingênuo... Digne-se o Senhor conservar-me tal ingenuidade!...

Devemos recordar-nos que, longe de encorajar o abandono da oração, o Concílio nos convida, pelo contrário, a aplicar-nos a ela da melhor forma possível; e se, até o presente, a nossa oração não foi isenta de certo formalismo, deve ser daqui por diante muito mais autêntica e mais pessoal.

Não creio que se trate de mais ou menos tempo para rezar, mas de chegar a uma oração verdadeira, digna e adaptada, persuadindo-nos enfim que, sem uma aplicação séria à oração, é impossível ser bons religiosos, perseverar na vocação e fazer o bem. Enfim, preciso se faz que enquanto cresce o Reino em nosso coração, saibamos viver e suportar com paciência as provações da oração, esperando o eterno colóquio com Deus, nosso Pai.

*(Circ. 2 janvier 1968, Os apelos da Igreja, pp. 616-618.)*

### 2. A VOCAÇÃO ANIMADA PELA VIDA ESPIRITUAL

*(Basílio está passando em revista as qualidades de um formador: maturidade, comunicabilidade, receptividade perante o Concílio, sentimentos de paternidade, preocupação com sua tarefa e, a última, é a qualidade da vida espiritual.)*

Essa qualidade é decisiva. Neste momento ela é para mim a mais decisiva de todas. Não quero dizer que, se ela existe, não há mais necessidade das outras. Não, se ela existe e as outras faltam, a educação terminará em todo o caso no fracasso, pela simples razão de que raramente Deus age com contínuos milagres. Mas, pelo contrário, o que eu quero dizer é que estou enormemente preocupado quando vejo uma equipe de formadores cheios de dinamismo, carregados de planos e projetos, mas que não deixam aparecer em suas pessoas a plenitude de Deus, nos quais não se percebe a tonalidade da alma mergulhada na fé e vivendo uma experiência espiritual, e cujo coração não está inflamado do amor de Deus, de sua Igreja e de seu plano de salvação. É preciso realmente mais. É preciso viver a experiência da vida religiosa e de seu próprio Instituto com gosto, acreditando nele, assumindo-o de maneira conseqüente, estando convencido de tudo quanto se possui. Com ideal e também com realismo, porque não se trata de mitificar sua própria vocação. Para quem viveu uma experiência adulta, os limites da realidade foram tocados com o dedo e acabaram-se os mitos. Nenhuma vocação pode ainda assumir um caráter mítico. A própria Santa Igreja, como tudo mais no universo, tem seus limites e imperfeições. O homem maduro é aquele que assume o que crê e crê aquilo que assumiu. Ele vive, por entre as impurezas da realidade, o rejuvenescimento constante de seu ideal.

*(Circ. 2 janvier 1968. Os apelos da Igreja, pp. 502-503.)*

### **3. A ORAÇÃO SEM COERÊNCIA É EVASÃO**

É tão insuficiente perguntar-se: “De que serve a oração para a ação?”, quanto refugiar-se na oração para fugir da ação. A oração não é um “Eu sou para tal coisa”; ela é um “Eu sou”, mas um “eu sou” com todas as exigências de seu ser. Mesmo no pedido, não posso limitar-me ao pedido. “Senhor, dai pão aos que não o têm”, deve obrigar-me à coerência: “Que faço eu para dar pão àqueles que não o têm?”.

Nosso coração cristão só funciona bem quando há sístole e diástole. Sem o duplo movimento: oração e vida, nossa oração é evasão. Na ordem individual sempre o temos reconhecido. Sei muito bem que se eu digo: “Senhor, tornai-me puro”, e nada faço para ser puro, eu minto. Mas o que é evidente no terreno individual não o é no terreno social ou político ou institucional. Bizarro, não é?

Portanto, antes de falar da utilidade da oração, é preciso falar de sua natureza transcendental ou escatológica, que é sua primeira dimensão. No fim dos

tempos, a oração mudará de forma: não mais haverá pedido, e no entanto, a Escatologia será oração. Um exemplo. Por ocasião de um retiro em Ávila, alguns Irmãos cheios de zelo, após o retiro, foram ver um homem corajoso, um incurável, João, em sua casa. E entre outras coisas lhe perguntaram: “Que será para você a vida eterna?”. Sua resposta foi: “Continuar a fazer o que faço: contemplar”.

Estão vendo; isso muda tudo, e é preciso reconhecer bem que essa visão pura, profunda, perfeita da oração, muitas vezes não é compreendida. E no entanto, fundamentalmente, o futuro começa no presente pela experiência interior, sob as formas da fé, na medida em que o coração se abre para abraçar a humanidade e unir os corações num só.

*(Circ. 1er Nov. 1973: Entretien sur la Prière, pp. 494-495.)*

#### 4. ÚTIL POR SI MESMA

Insisto nesta idéia: A oração é em si o começo, o balbuciar dum diálogo que depois encontrará todo o seu esplendor. Ela é a *essência e a antecipação da transcendência*. Portanto, em vez de perder nosso tempo a perguntar-nos se ela é útil ou inútil, se o culto deve consistir ou não consistir numa oração, etc., creio que antes de tudo podemos reter a definição acima e que ela vale também para cristãos não consagrados... Não é de muito tempo a real preocupação de evangelizar os diversos aspectos da vida: vida conjugal, dimensão social, etc. Há mais tempo houve quem se ocupasse da oração e do culto. Mas a subida dos outros valores cristãos: amor, trabalho, engajamento político e social, etc., ia produzir um choque dialético, e a grande pergunta seria: “De que maneira a oração tem valor, sentido, utilidade para uma ação no tempo e no mundo?”. Depois de muitos balbucios acerca de sua utilidade, chegava-se ao ponto central: ela vale por si mesma...

Para compreender é preciso em primeiro lugar perguntar-se: “O que é um cristão?”. Não aquele que “pratica”, mas aquele em quem a vida de Jesus se transfunde, que é vivido por Jesus, pelo Espírito de Jesus. Ora, se ele vive com o Espírito de Jesus, é na medida em que o batismo se eleva nele como maré enchente que invade o coração, a cabeça, os critérios de seu julgamento, sua consciência. Acabo de nomear aqui os diversos elementos subjetivos da vida, do agir e dos compromissos. Mas limitando-se à esfera puramente psicológica, pode-se dizer que lá onde o batismo se eleva, *a necessidade da oração se faz sentir*. E se não se sente a necessidade da oração, é preciso perguntar-se

por que, pois não é normal, num cristão que atingiu certo nível, que a oração não se tenha tornado uma necessidade.

*(Circ. Entretien sur la Prière, pp. 495-497.)*

## **5. O IMENSO PODER EVANGELIZADOR DA ORAÇÃO**

O homem tem necessidade de dizer o que sente, e todo homem que possui experiências profundas e não pode comunicá-las sofre verdadeira mutilação, porque se vê obrigado a viver em solidão e a sepultar as coisas mais densas e mais belas de sua vida.

A vida batismal também tem necessidade de oração, porque a oração é o meio mais poderoso de evangelizar o coração humano ainda não evangelizado: à força de dizer as coisas com o coração, acaba-se por senti-las com o coração e a viver com o coração o que se aprendeu.

É preciso, portanto, prestar atenção ao imenso poder de evangelização da oração. Por falta dessa atenção, muitos religiosos hoje se esvaziam do Evangelho e se enchem duma Antropologia não evangélica.

*(Entretien sur la Prière, p. 501.)*

## **6. LÁ ONDE NÃO HÁ ORAÇÃO, NÃO HÁ VIDA RELIGIOSA**

É possível ser cristão sem oração? Ou, pelo contrário: É a oração um elemento tão essencial da vida cristã, que, caindo ela abaixo de um certo nível, a vida religiosa corre perigo? Pois bem, sim, é preciso dizer que a oração é uma necessidade vital da vida cristã; todo aquele que tem vida cristã, cedo ou tarde, e à medida que sua vida é mais cristã, deve descobrir a necessidade de rezar. Sentir a necessidade de rezar não quer dizer, por isso, saber rezar, mas é pelo menos um ponto de partida. Num retiro do Conselho Geral, um Irmão trazia o seguinte exemplo: um Irmão não se levanta e não vai à oração, sistematicamente, alegando que está doente e não pode levantar-se na hora; e que, depois, tem de lecionar e não tem tempo de rezar. Então o pregador presente pergunta: “Esse Irmão sofre por não poder rezar e passar sua vida sem oração?”. Resposta: “Não”. E o pregador a concluir: “Esse Irmão deve deixar a vida religiosa. Lá onde não se pode rezar não há vida religiosa, e se não há vida religiosa, que sentido podem ter os votos?...”.

*(Circ. Entretien sur la Prière, p. 502.)*

## 7. MINHA VIDA, UM MISTÉRIO DE AMOR

Fundamentalmente a vida cristã é um mistério de amor, e o amor tem duas expressões, ambas necessárias: dizer e fazer; exprimir o que se sente e fazer o que se sente, pois existe a dimensão agir e a dimensão do viver. Portanto, toda polarização em refugiar-se, seja na ação, para se dispensar da oração, seja na oração para se dispensar da ação e do comprometimento, é má tradução do cristianismo e prova muito clara que o Espírito e a vida de Jesus pouco “penetram” em nós... Que significa essa reflexão? Que não pode haver a menor palavra cristã sem uma ação cristã. São duas exigências profundas de um mesmo amor... Ao entrar no campo da consciência, o mistério cristão entra como fé, como amor, como esperança, e tudo isso vivido no Cristo. Existe aí outra dimensão da oração, e chegamos então à pergunta: Pode a vida cristã existir sem a oração? Resposta: Não. Ausência de oração = ausência de vida cristã; e oração fraca = vida cristã fraca.

*(Circ. Entretien sur la Prière, pp. 506-507.)*

## 8. A AÇÃO NÃO SUBSTITUI A ORAÇÃO

Aqueles que dizem que a oração não tem sentido, que é uma perda de tempo, teorizam; não fizeram a experiência. Diz-se depressa que a ação é oração, mas isso revela um desconhecimento prático da oração. Tampouco quero perder tempo em discutir um argumento tão leviano. A quem mo propõe respondo-lhe: “Você não fez a experiência de uma verdadeira oração. Se soubesse o que é, não a confundiria com a ação, mesmo se ambas são emanções do amor”. Com efeito, lançam-nos dessas frases que parecem brilhantes, mas na realidade só correspondem ao vazio, a um desequilíbrio integral. Quem as diz não pôs em ordem os diversos elementos de sua vida cristã; rompeu, por exemplo, a harmonia entre a dimensão de oração e a dimensão de vida, e, como muitas vezes no passado, é a dimensão moral que supera a dimensão espiritual, sendo novamente a vida cristã concebida como código de proibições e de ordens. Estas serão de natureza diferente, mais centrada sobre o social que sobre o sexual, mas, no fundo, haverá sempre o mesmo desequilíbrio.

*(Circ. Entretien sur la Prière, pp. 515-516.)*



## 9. A ORAÇÃO É ESSENCIALMENTE UM DOM

A oração é ao mesmo tempo dom, exercício e fruto. Como dom, não se pode acreditar que se vá substituir Deus. Portanto, há um abismo entre ioga e oração. A oração cristã é amar: a ioga pode muito bem favorecer a concentração e o equilíbrio interior (elementos muito úteis para a oração), mas não pode assegurar nem o amor nem a conversão. Ora, esse dom de Deus que é a oração tem por entrada a conversão e por desenvolvimento o amor. Esse dom provém do Espírito Santo e nenhum exercício humano pode comunicá-lo. Sim, não se deve jamais esquecer que a religião cristã não é um produto fabricado pelo homem; é Deus que se comunica ao homem. O homem não é um Prometeu que rouba o fogo do céu; é uma criatura que recebe em Jesus Cristo o ósculo de amor do Pai e a redenção pelo amor. E a oração, espécie de sopro vital da redenção, é essencialmente uma dádiva no sentido mais profundo da palavra, é preciso pedi-la a Deus...

Eu dizia que a oração cristã é completamente diferente da ioga. Esta não ultrapassa o nível de um exercício mental. Aquela exige que a gente se ponha diante da luz de Deus, para ver, no julgamento amoroso de Deus, meu eu e o eu do mundo, junto com toda a minha conduta. E é o que explica por que a oração é tão pesada para muitos homens. Não é um exercício tão simples. Não se trata de brincar de toureiro, mas de ser toureiro. Trata-se de viver a verdade de Deus na própria vida. Portanto, oração cristã equivale à oração filial, atitude de filho que descansa nos braços do pai...

A oração cristã deve encher o coração dos sentimentos de Deus para com os homens. Compaixão pela tolice humana, perdão pelas repetidas quedas, benevolência até para com os inimigos, a melhor atitude para com todos. É tudo isso que deve encher o coração que reza e que educa desde então não apenas suas relações com Deus, mas suas relações para com os homens.

*(Circ. Entretien sur la Prière, pp. 522...527.)*

## 10. COMO UM CELIBATÁRIO EMPEDERNIDO

De que serve falar de oração criativa em comunidade, se não se assegura a presença a essa oração? É mais fácil para três Irmãos fazerem uma oração comunitária em comunidade de três Irmãos, do que três Irmãos fazerem essa oração comunitária numa comunidade de dez. Onde estão os sete outros? Experimentem colocar-se no lugar dos três. Encontram-se num verdadeiro mal-estar. Sentem fisicamente o vazio que não deveria existir e que não se justifica. O efeito de tal ausência é desastroso. Não só se está privado da



oração do ausente, mas a engrenagem comunitária se bloqueia, essa engrenagem que lançava a comunidade à procura de sua alma.

Em nossa época de anticolonialismo fala-se muito de povos “em procura de sua alma”, de “vontade de encontrar sua alma e expressar sua identidade”. Nossas comunidades também devem fazer um esforço “um esforço de identidade comunitária, um esforço para descobrir e expressar sua alma”.

Então vejam. Começa-se por faltar ao encontro comunitário de oração, porque é mais fácil ficar em seu aposento, dado que se deitou tarde, por ter assistido a uma partida na tevê, e que de manhã cai-se de sono, etc. Mas, então, não há mais encontro comunitário, as pessoas já não se reúnem, nem no tempo nem no espaço. Nada mais se faz comunitariamente. Está-se no nível do casado egoísta que, depois de uma breve lua-de-mel, reorganiza sua vida como um celibatário empedernido que quer reencontrar suas necessidades, seus hábitos, suas fantasias, sem se importar daquela a quem disse: “Amo-te”, porque provisoriamente lhe convinha dizer tais palavras. No dia em que foi preciso verdadeiramente amar, ele se recusou. Muitos Irmãos são maus maridos de sua comunidade. Pouco lhes importa que ela viva, pouco lhes importa que ela tenha qualidade de vida.

*(Circ. Entretien sur la Prière, pp. 544-545.)*

## 11. NÃO QUEBREM A UNIDADE

Vocês encontram quem diga: “Para mim, os salmos não me dizem nada e, ademais, a oração em comum também não me diz nada”. É preciso responder-lhe: “Meu caro, aqui, como em qualquer grupo de convivas, servem-se dois tipos de refeição: tipo restaurante e tipo banquete. Você pode ir ao restaurante e pedir o que lhe agrada, se tiver dinheiro. Senão, por que vem comer conosco?”. Todo o mundo sabe que num banquete o cardápio é único e unifica as pessoas; aliás, não se vai só para comer, mas para conviver (convivium), como dizia Cícero, que achava tão bonita essa palavra latina que ele opunha ao termo grego (sumpósion), “com beber”. Assentar-se à mesma mesa, comendo as mesmas iguarias, mas participando da mesma festa...

Caridade e mesa única, eis, nem mais nem menos, a oração comunitária. Introduzir aí dentro regras de gosto individual não tem sentido e significa desconhecimento total da oração comunitária. A grande regra é, portanto, saber adaptar-se ao gênero de oração que convém à comunidade. Não se trata de começar com: “Não gosto disto, não gosto daquilo”. Você rompe a unidade, por sua causa a oração deixa de ser um instrumento de comunhão.

*(Circ. Entretien sur la Prière, p. 554.)*

Há apelos de Deus que podem exigir um sim doloroso. O sim à oração comunitária deve ser dito e vivido comunitariamente: sim à oração “tradicional” e sim à oração espontânea. Mas a comunidade pode, por culpa de alguns membros, resistir aos apelos do Espírito. Cada qual pode muito bem dizer, teoricamente que O deixa agir, seja estando ausente, seja estando presente, sem participação verdadeira. A bem dizer é um sofisma, porque no primeiro caso divide-se a comunidade, o que é grave; e no segundo caso, bloqueia-se ou se esfria a atividade comunitária.

*(Apêndice à criatividade na oração comunitária, p. 579.)*

## **12. A VIDA RELIGIOSA SE VIVE NO PATAMAR DO GENEROSO, DO MAGNÂNIMO**

Diz-se: “Rezar não é uma obrigação, sobretudo rezar todos os dias em momento fixo, dum modo determinado. Se não o faço, isso não é uma falta”. De acordo; mas é um raciocínio inexato. Se me faço religioso não é para permanecer no limiar do obrigatório e indispensável; não é para permanecer no mínimo da exigência moral para limitar-me a evitar o pecado...

Uma vida consagrada não pode ficar no nível do obrigatório ou do não-obrigatório; ela passou ao patamar do generoso e do magnânimo. Para manter-se nessa altura serão necessárias muitas graças. É preciso abeberar-se abundantemente da Palavra de Deus para fortificar a fé e conservar no coração a generosidade. Numa tal vida, a oração não deverá ser mesquinamente medida, mas derramada largamente. Essa vida terá o sopro que a oração lhe der.

Enquanto se fica na barreira do pecado grave ou leve, não se entra realmente numa vida cristã dinâmica, pois há coisas que Deus não pede como um ideal de moral humana, mas como condição de maior intimidade com Ele. Trata-se, pois, de saber até que ponto se quer viver a vida que Deus propõe.

*(Circ. du 8-12-1982, sur l'Oraison, pp. 336-337.)*

## **13. CRIAR NECESSIDADE DE RESPIRAÇÃO ESPIRITUAL**

Quando a vida de fé e suas exigências de amor são contrariadas por um excesso de atividades, uma espécie de instinto cria a necessidade de respiração espiritual. É particularmente verdadeiro quando a atividade comporta elementos secularizantes degradantes.

Meu mestre de noviços, que estivera na Grande Guerra, falava-me da vida nas trincheiras, onde os soldados pisoteavam na água e na lama durante horas e horas. O nível espiritual da tropa não era necessariamente muito alto, e suas ações e palavras podiam ser pouco morais. Ele me dizia que então lia “A História de uma alma”, de Santa Teresinha, para poder viver em outra atmosfera e restituir à sua fé e ao seu amor o elã que essa vida terra-a-terra não lhe dava.

Hoje, na situação atual, se pensamos na influência secularizante, no conteúdo dos filmes, da imprensa e das outras mídias, no contato com colegas e alunos cujo senso moral e religioso é cada vez mais pluralista, eu penso que jamais foi tão indispensável um tempo de compensação apto a nos fazer respirar em nível de fé...

Penso que não terão nenhuma dificuldade em concordar comigo que não é a mesma coisa, que não é indiferente possuir Irmãos, comunidades, Províncias que vivem em nível mínimo de oração ou, pelo contrário, em nível suficiente, ou em nível elevado.

*(Circ. sur l’Oraison, pp. 341-342.)*

#### **14. ESCOLHER O MELHOR MOMENTO, MAS HONESTAMENTE**

A fidelidade estável evita que a vida de oração esteja submetida ao humor, à sensibilidade, ao capricho, que caracterizam uma vida espiritual rudimentar. São Francisco de Sales não hesita em enunciar como lei essencial da vida espiritual: “Nada diminuir na exatidão de todos os deveres no meio das provações e securas, desgostos e sacrifícios pelos quais apraz a Deus nos fazer passar...”.

Sem essa capacidade de suportar segura e regularidade, nada de verdadeiros homens de oração...

Mas deixem que me detenha sobre o problema do momento da meditação. O último Capítulo Geral votou uma decisão aceitando que os Irmãos possam “prever um tempo psicologicamente válido para desobrigar-se disso”. Ora, depois de alguns anos, eis que se produziram dois fenômenos curiosos. Alguns Irmãos chegaram a crer que a ‘mens’ do Capítulo Geral era incluir a meditação nas práticas de devoção, em suma, uma prática opcional e não necessariamente quotidiana: cada qual seria livre de determinar quando e em que ritmo se dedicar a isso. O outro fenômeno é que alguns superiores ficaram perplexos: tinham eles o direito de exigir dos Irmãos a meditação

diária, ao interpretar nesse sentido uma decisão do Capítulo Geral, que talvez não tivesse essa exigência?

Como é que se pôde chegar a semelhante confusão?... O cúmulo é sacar dessa abertura, para uma escolha melhor do momento, uma possibilidade de sufocação. Ora, não se diz aos Irmãos que escolham não importa que momento, recalcando, por exemplo, a oração para horas em que não se tem mais força de rezar, mas de escolher o momento que pode produzir o melhor efeito que se espera da meditação. Se é com essa finalidade que se liberou o tempo a escolher para a meditação, bendita seja tal liberdade. Se não, que falta de seriedade realmente dolorosa.

*(Circ. sur l'Oraison, pp. 347-350.)*

### **15. A ORAÇÃO, LINGUAGEM DA VIDA CRISTÃ**

Irmãos, comecemos por isto: a oração é a linguagem da vida cristã. E da mesma forma que nós não nos esgotamos no falar, mas que a palavra e o diálogo são um aspecto de nosso ser, uma parte de nossa vida, da mesma forma a oração é um elemento de nossa vida cristã, e a vida cristã é simplesmente a vida de Deus comunicada em Jesus Cristo, o Verbo, na união hipostática. E nós, integrados vitalmente no Cristo pelo batismo, pela fé, pela graça, na Igreja, nós formamos a Igreja e vivemos uma vida... Podemos dizer que dentro de nós há a vida de Deus, e é o Verbo que em nós vive essa vida, que o Espírito que fez viver um homem que se chamava Jesus Cristo, a natureza humana de Jesus Cristo, unindo-a numa união de pessoa com o Verbo de Deus, esse mesmo Espírito, que é o Espírito Santo, é quem nos faz viver a vida do Cristo, sua própria vida, ele faz com que nós mesmos vivamos...

Você não é um cadáver, é uma pessoa viva, com vida diferente da puramente natural. Pois bem, essa vida age, pensa em você, no seu viver cristão. O fato de Cristo viver nossa vida é uma realidade da qual temos consciência, da qual nos damos conta...

Em sentido estrito, a oração é falar com Deus graças à fé, no amor e com amor. Quem fala a Deus fora da fé, não reza. Quem fala a Deus fora do amor, não reza. Tampouco reza quem não ama. Rezar é conversar com Deus no universo da fé e pela força do amor. Eis o que é rezar...

Em sentido mais lato, rezar é refletir sobre o mundo, sobre o que faço, sobre o que vou fazer, partindo do Evangelho...

Não é seguro que a religião seja unicamente oração. Entre os elementos da religião, a oração é um deles, mas ele é essencial e indispensável. Assim como não há vida numa pessoa humana sem consciência e sem diálogo, assim não há nenhuma vida cristã sem oração. Tenham certeza disso.

Quem vê esse diálogo bloqueado em sua vida deve convencer-se de que pode saber muitas coisas de Teologia, Psicologia, Filosofia, mas que sua vida na fé não vai bem... Quem não sente a necessidade de dialogar com Deus e, mais ainda, quem não se sente à vontade quando deve falar com Deus, demonstra que algo não está bem, e que sua vida cristã é muito fraca e, de certo modo, bloqueada.

*(Llamamiento à la renovación, Problemática de la Oración, pp. 7-9, outubro de 1972, Prov. Norte)*

## **16. A ORAÇÃO É VIDA, NÃO CONHECIMENTO**

Indo mais a fundo na ordem da fé, é indiscutível ser preciso pagar o preço: o preço de crer em Jesus Cristo morto e ressuscitado. E bendito seja esse tributo, fonte de alegria. E nisso está seu mérito: o ato de você esperar na insegurança e contra toda a esperança... Quando você anuncia Jesus Cristo ressuscitado, se compromete com Ele, de modo que ante qualquer dilema entre Jesus Cristo e outra coisa, você se deixa esfolar antes que renunciar a Jesus Cristo. E que você perca tudo, inclusive a mamãe, mas não Jesus Cristo. Podem dizer-lhe: “Mas você não percebe que Jesus Cristo é como as feiticeiras?”. E você percebe que, como hipótese, isso poderia ser. E apesar disso, você aposta, não com palavras nem conceitos, mas com a vida. E tendo apenas uma vida, você a joga por Jesus Cristo. Isso é verdadeiramente um testemunho...

Num clima de oração, você ouve uma palavra que ilumina sua vida com a luz do Evangelho, de maneira contrária à natureza, que toca lá onde machuca. Então pode ter a certeza que isso não vem do homem. E quando assim as Bem-aventuranças cantam em seu coração, dizendo-lhe o contrário da lógica das coisas, e quando você é chamado a se doar até à morte, na fé, a viver o Evangelho em plenitude, então é a voz de Deus. A condição é que sua vida seja banhada pelo Evangelho. Quando em sua vida houver isso, não se perca em rodeios, é Deus que lhe fala.

*(Llamamiento a la renovación, Problemática de la oración, pp. 9-11, outubro de 1972, Prov. Norte)*

## 17. RESPONSABILIDADE E CRIATIVIDADE NA ORAÇÃO

A oração é um ponto em que o Capítulo imprimiu notável transformação, visto que ela exige de nós maior responsabilidade e constante criatividade comunitária.

O aspecto mais característico dessa nova orientação é o que se denominou a oração teológica, que nos faz sair da prática ritual dos exercícios, convertendo-os em trampolim para chegar à familiaridade com Deus.

A consciência de um religioso não pode estar tranqüila quando durante toda a vida fez exercícios de piedade somente de maneira mecânica. Pelo contrário, encontrará a paz quando tiver levado uma vida de diálogo inteiramente filial com Deus e houver chegado à contemplação, não de um Deus platônico, mas do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo e da realidade total que tem como centro Jesus, o Senhor Ressuscitado.

Parece que a mensagem capitular sobre a renovação da oração contém quatro pontos fundamentais: O contato quotidiano e comunitário com a Igreja no mistério eucarístico e na oração do corpo místico; o contato vivo com a presença de Jesus na Palavra revelada por meio da contemplação pessoal; a vigilância espiritual que, para maior autenticidade, passa pelas mediações humanas. O ritmo e a periodicidade para estabelecer, não uma dicotomia entre oração e ação, mas um movimento de diástole e sístole em nosso coração e em nosso espírito. Criatividade porque Jesus nos ensinou que sua religião é uma religião de verdade e de vida, e que é preciso falar ao Pai em espírito e verdade.

*(Méditation à haute voix, pp. 371-373.)*

## 18. BASÍLIO E A EUCARISTIA

Visto que o Padre Manuel Portillo o acompanhava muitas vezes, a eucaristia podia ser celebrada no melhor momento do dia e, às vezes, em lugares surpreendentes. O Padre se lembra ter rezado a missa num dos rios da Amazônia, em plena natureza, e também num avião. Ele diz: “Não deixava nenhum dia sem a eucaristia e fazia dela o centro. Dizia, citando Bonhöffer: “As primeiras horas do dia são para o Senhor”. Nos retiros ou encontros, a eucaristia nunca era um apêndice; programavam-se sempre alguns minutos de repouso para poder celebrá-la com serenidade e dignidade... Os Irmãos, então, ainda não tinham oratórios para a comunidade. Às vezes um grupinho celebrava a eucaristia numa capela grande, e os Irmãos estavam dispersos. Outras vezes faltavam os ornamentos apropriados... Havia flores de plástico



colocadas no início do ano letivo e nunca substituídas. O Irmão Basílio insistiu para haver oratórios, o espaço conveniente para a oração da comunidade, e atenção aos pormenores... Se um colégio possuía salas de ginástica, laboratórios de línguas, de ciências, terrenos para esporte... era preciso também fazer despesas para ter espaços dignos para as celebrações litúrgicas da comunidade e dos alunos... Encorajava as catequeses e as eucaristias com os alunos para que eles tivessem ocasiões de receber os sacramentos...”.

*(El estilo de una vida, pp. 57-58.)*

## 19. UMA ENTREVISTA

*Há uma pergunta que ainda não fez, mas estou certo que está subjacente a tudo: Como é que o Irmão Basílio reza?*

O senhor me faz uma pergunta muito difícil, mas importante. Quando uma pessoa diz que reza e que reza muito, é mau sinal. Os grandes rezadores são homens que acreditam que não rezam! Vou ser muito sincero a respeito disto. Sou um homem muito, muito solicitado. Com o emprego do tempo de que lhe falei, o senhor compreende que não posso ter grandes espaços para a oração. Evidentemente, rezo o que reza todo Irmão Marista. Reservoo o mais possível meus tempos fortes de oração e, se puder, faço dois retiros por ano, faço-os com grande alegria. Sem contar os que dirijo. Se tiver oportunidade de fazer um retiro de quinze dias em vez de seis, faço-o de todo o coração.

Mas a vida de um Superior-Geral, pelo menos a minha, foi muito irregular quanto aos ritmos de oração, devido às viagens contínuas, aos condicionamentos, aos ambientes... Para mim, a oração foi sempre uma necessidade, uma sede. Fui marcado muito jovem por um diretor espiritual, grande homem de oração. Ele me convenceu da importância, das condições da oração. Devo dizer que não foram nem o Padre Caffarel, nem o padre Fournier que me revelaram isso. Desde o escolasticado o havia descoberto e experimentado. Aliás todo homem traz em si uma sede enorme de oração, de meditação, de Deus. “Tu me fizeste para ti, Senhor, e nosso coração está inquieto enquanto não repousa em ti.” (Santo Agostinho.) Quando Miguel de Unamuno ou Ortega y Gasset gritavam suas orações-blasfêmias, era, de maneira indireta, seu modo de expressar uma necessidade de oração. Todo homem a traz em si. Em todo o caso eu carrega essa necessidade e é incontestável.



Os Irmãos muito me ajudaram a rezar. Primeiramente a comunidade do Conselho Geral; depois, quando a gente prega dois, oito, dez e até quinze retiros sobre a oração num ano, fica-se envolvido numa ambiência: liturgias, orações excepcionalmente preparadas e realizadas. Escutando as confidências de certos coirmãos, se pressente a riqueza de vida interior. Veja a Circular sobre a Fidelidade. Irmãos vivem continuamente na presença de Deus. Eu não acreditava que a oração contínua pudesse ser uma realidade, que a oração pudesse atingir até o subconsciente. Em todos esses homens há uma conceito tão humilde de si mesmos!

E depois existe ele... (O Irmão Basílio me mostra num ângulo o retrato e um relicário de Marcelino Champagnat.) Quantas vezes, numa conversa com um Irmão, chega uma mensagem tão forte quando estou a lhe falar. Por causa de meus Irmãos, minha oração se mistura com minha vida

A impotência: quantas vezes ouvi um Irmão falar, me apresentar um problema para o qual não tenho resposta. Então minha oração se volta para o Espírito ou para Marcelino Champagnat. Espero. Então acontece de pronunciar palavras imprevistas. Tudo leva à humildade, porque se sabe que não se tem a solução. Ela vem de fora.

*(Presence Mariste, n. 163, junho 1985, pp. 9-11.)*



## ÍNDICE

<b>1 Basílio: homem da oração</b>	<b>3-11</b>
1.1. As manifestações	3
<b>2 Às fontes da oração</b>	<b>12-15</b>
2.1. Uma graça	12
2.2. Outra série de mananciais	15
<b>3 Condições para a oração</b>	<b>16-19</b>
<b>4 Os frutos da oração</b>	<b>20-27</b>
4.1. Frutos no coração	20
4.2. Fonte de apostolado	21
4.3. Fonte de comunhão	22
4.4. No concreto da vida	23
4.5. Desastres na ausência da oração	23
4.6. Síntese das vantagens	25
<b>5 Que é a oração para Basílio?</b>	<b>28-32</b>
<b>6 Um mestre da oração</b>	<b>33-38</b>
6.1. Um conhecedor	33
6.2. Um perito	34
6.3. O apóstolo e o Irmão	35
6.4. Em companhia do conhecedor	38
<b>7 Iniciativas de Basílio em favor da oração</b>	<b>39-58</b>
Quadro sintético dos esforços feitos	42
Textos	45

**IRMÃOS, O QUE  
FUNDAMENTALMENTE FAZ NOSSA  
PAZ NÃO É O FATO DE SERMOS  
BONS, MAS, SIM, O FATO DE QUE  
DEUS É BOM. NÃO É O FATO QUE  
NÓS AMAMOS, SENÃO O FATO DE  
QUE SOMOS AMADOS POR UM AMOR  
EFICAZ E INFALÍVEL... DEUS NOS  
AMA, ELE NÃO FAZ OUTRA COISA  
QUE NOS AMAR, E DEUS NÃO PODE  
DEIXAR DE AMAR-NOS.**

**Autor**

Ir. Giovanni Bigotto, Postulador Geral

**Tradução**

Irs. Nadir Orsi e João Batista Camilotto - fms

Original: *Cabier 3: L'univers de la prière* – Março 2003

**Editor**

Instituto dos Irmãos Maristas – Casa Geral - Roma

C.P. 10250, 00144 Roma, Itália

Tel.: (39) 0654 5171 – Fax: (39) 0654 517217

E-mail: [publica@fms.it](mailto:publica@fms.it) e [gbigoitto@fms.it](mailto:gbigoitto@fms.it)

Website: [www.champagnat.org](http://www.champagnat.org)

© Instituto dos Irmãos maristas.

Janeiro 2005.

*Impresso na Itália*